



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

TÁ BOM DE TABU: possibilidades para a educação sexual e reprodutiva na adolescência pelo *Instagram*

Loranny Castro

Orientadora: Profa. Dra. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

Brasília
1º / 2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**TÁ BOM DE TABU: possibilidades para a educação sexual e reprodutiva na adolescência
pelo *Instagram***

Loranny Castro

Orientadora: Profa. Dra. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

Memorial descritivo do produto apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Brasília, 1º / 2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Memorial descritivo do produto apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

**TÁ BOM DE TABU: possibilidades para a educação sexual e reprodutiva na adolescência
pelo *Instagram***

Lorranny Castro

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho
Presidente

Prof. Dr. Zanei Ramos Barcellos
Membro

Profa. Gisele Pimenta de Oliveira
Membra

Profa. Dra. Dione Oliveira Moura
Suplente

Brasília, 1º/2019

Dedico este trabalho à minha mãe, que aos 15 anos de idade, no auge de sua adolescência, descobriu que estava grávida de mim.

AGRADECIMENTOS

Sobre abraçar e agradecer, aqui agradeço:

Em meu mais profundo lugar de silêncio, o primeiro agradecimento navega no mar, nos ventos com maresia e no cheiro de sal. Obrigada por poder deitar nesse colo. Salve, Yemanjá, minha mãe, e todas os guias que vêm de longe e vão para sempre comigo.

Às mulheres que vieram antes de mim e, com todo suor na testa, leite nos peitos e força nas mãos, abriram caminho para que eu chegasse, a minha eterna gratidão. Salve, vó Livertina, vó Dina, vó Dora e vó Célia! Deus nos dê boa sorte!

Aos três corações que tenho fora do peito, Yasmin, Maria e Renata, sopros de vida e calor nesse mundo, que me fizeram olhar para as infâncias com atenção e para a vida com coragem, obrigada desde sempre!

À minha avó Célia, o mais sagrado que existe, a serenidade e a força, dobro as vértebras da coluna na reverência mais verdadeira que posso realizar. Obrigada por fazer suspiro batido na mão comigo, por me ensinar a andar correndo e também a gostar do mato.

A meu avô Wildson, que me deu livros e disse que leitura é bom. Que me levou em comícios e contou que política é importante. Que, em 2002, me deu uma bandeira do Lula no dia das eleições. Obrigada por me acordar cedo, dizendo que quem dorme muito vive menos.

A meu pai, que me deu de presente a melanina e a sagacidade que tenho, o bom-humor e a vontade de ver o mundo de perto, agradeço. Obrigada por plantar em mim a vontade de estudar em outra cidade e por ter me ajudado na realização desse sonho.

À minha mãe, meu primeiro lugar no mundo, o formato do meu rosto e o poder dos meus quadris, todo o amor que existe nessa vida! Obrigada por ter subido nas árvores, colhido as sementes e me mostrado como é que se constrói, como é que se costura, como é que se cria vida nessa vida.

À Gabriella, minha irmã metralha, todas as pipocas caramelizadas desse mundo. Obrigada por me empurrar para cima diariamente. Obrigada por ter confiado em nós a ponto de nos tornarmos, orgulhosamente, essa eterna troca clichê e brega de sentimentalidades.

À Cecília, minha parceira nesse formigueiro gigante e caótico, um agradecimento por se orgulhar de nós enquanto formigas operárias. Obrigada por acreditar nos pequenos passos e por me lembrar que arroz com pequi, cerveja e pizza de brócolis sempre salvam.

À Natália, comadre da roça, dos olhos de cobra e das coisas feitas à mão, um obrigada escandaloso! Obrigada por permitir que eu veja o ruim da vida ao seu lado, para que a gente ressignifique e dê gargalhadas depois. Um brinde de cozumel em homenagem a nós duas!

À Manuela, a melhor companheira de casa que esse mundo já viu, um super obrigada! Amizade que existe em cima de um bar, resiste a qualquer coisa, amiga. Eu te garanto!

À Nina, o sol dos meus dias e o sono bom das minhas noites, um agradecimento bem temperado e com sementes de girassol. Tudo foi mais leve e cheio de amor porque você esteve por perto. Obrigada por deixar que eu experimente da beleza que é dividir os dias e os alimentos contigo. Amo tu.

Ao Thiago e à Úrsula, as únicas duas sementes que vingaram no solo infértil que pisei dentro da Faculdade de Comunicação, obrigada! Espero que possamos sempre cultivar o nosso ódio comum entre as linhas retas, duras e inflexíveis desse mundo. Salve a gente! Salve Deus!

À Rafiza, que me proporcionou uma experiência acadêmica completamente diferente do que eu temia, sendo muito receptiva e acolhedora em todas as etapas do projeto que construímos juntas, toda a minha gratidão! Me tornei mais crente pela educação e pela comunicação depois de você. Nesse parto, foi extremamente gratificante ter você como minha “orientadoura”.

À Dione, que me olhou nos olhos e segurou minhas mãos quando estive prestes a desistir, muito obrigada! Poder contar com a sua serenidade e seu jeito leonino de amar foi determinante em toda a minha trajetória acadêmica. Obrigada por ter acreditado neste projeto, mesmo quando ele ainda não tinha cara nem corpo.

Às professoras e professores da Faculdade de Comunicação, projetos e decanatos que me abriram as portas e os olhos na Universidade de Brasília, sou muito grata. Em especial às membras e membro da minha banca: Dione, Gisele e Zanei. Obrigada por aceitarem o convite e estarem comigo nessa reta final. Viva a balbúrdia!

Às adolescentes e jovens mulheres que me deixaram aproximar, olhar nos olhos e conversar, sou infinitamente grata. Às mulheres que me relataram suas experiências de gravidez, eu jamais esquecerei vocês. Obrigada! À Karina Cidrin, que me auxiliou enquanto ginecologista, muito obrigada! A todo mundo que contribuiu com o meu processo de pesquisa das mais diversas formas, gratidão infinita! Cada detalhe citado acima foi parte imprescindível no resultado que se tem hoje, daqui e de mim. Graças a todas essas transformações, não sou, nem de longe, a mesma que chegou na universidade há cinco anos. Que bom! Ainda bem!

Resumo

Este memorial apresenta o processo de criação e publicação do *Tá Bom de Tabu*, perfil no Instagram que trata de educação sexual e reprodutiva na adolescência. A utilização das mídias sociais enquanto ferramenta jornalística tem ganhado espaço dentro da Comunicação. Por ter autonomia para livre publicação, acesso rápido via internet e a possibilidade de uso dos recursos audiovisuais para além de somente textuais, dentro da rede Instagram é possível desenvolver novas narrativas e abordagens a respeito de uma temática. Sendo assim, o perfil *Tá Bom de Tabu* pretende utilizar os recursos acima citados para o desenvolvimento de um canal de comunicação que trate de educação sexual e reprodutiva no período da adolescência, produzindo conteúdos que cruzem com as realidades das juventudes.

Palavras-chave: Instagram; Educação Sexual; Juventude; Representatividade; Jornalismo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. OBJETIVOS.....	14
3. JUSTIFICATIVA.....	14
4. METODOLOGIA.....	16
5. QUADRO TEÓRICO.....	18
5.1 Educação sexual e mídia.....	18
5.2 Gravidez adolescente enquanto pauta.....	21
5.3 Redes sociais.....	24
5.4 Mídias sociais.....	25
5.5 Mídia-educação.....	27
6. O INSTAGRAM.....	29
7. O PRODUTO: TÁ BOM DE TABU.....	31
7.1 O nome.....	32
7.2 Análise de referências.....	35
7.3 Identidade visual.....	39
7.4 Público-alvo e personas.....	44
7.5 Linguagem.....	46
7.6 A escolha das pautas.....	47
7.7 O diálogo com adolescentes.....	48
7.8 Diário de Bordo.....	50
7.9 Apuração das Pautas.....	54
7.10 Pautas.....	55
8. AS PUBLICAÇÕES.....	59
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
10. REFERÊNCIAS.....	63
11. APÊNDICE.....	66
13.1 Apêndice A - Entrevista com a ginecologista Karina Cidrin.....	67
13.2 Apêndice B - Entrevistas com a psicóloga Dheiny Silva.....	69
13.3 Apêndice C - Entrevistas para relato de parto.....	71
13.4 Apêndice D - As publicações.....	74

1. Introdução

Conhecida como um período de transição, a adolescência possui diversas definições, significados e conceitos. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), é um período que começa aos 10 e vai até os 19 anos completos. De acordo com a Organização das Nações Unidas, é a etapa dos 15 aos 24 anos. Já no Brasil, o *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA) define a adolescência como sendo o período que vai dos 12 até os 18 anos de idade completos. Todas essas definições, de forma geral, são cruciais para o desenvolvimento de políticas públicas e programas que trabalhem com o objetivo de reconhecer e garantir os direitos da população adolescente.

Segundo o Cenário da Infância e Adolescência no Brasil, de 2019, as crianças e adolescentes (pessoas de 0 a 19 anos de idade) representam um percentual de 33% sobre a população total do país, cerca de 68 milhões no total. De acordo com a última Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher (PNDS), realizada em 2006, a atividade sexual tem começado cada vez mais cedo para as meninas e mulheres. Em 2006, 33% das mulheres já haviam tido relações sexuais até os 15 anos de idade, resultado que foi três vezes maior do que o registrado dez anos antes, em 1996. Além disso, 66% das jovens de 15 a 19 anos sexualmente ativas já haviam utilizado algum método contraceptivo, o preservativo (33%), a pílula (27%) e os injetáveis (5%) foram os mais utilizados (PNDS 2006). Contudo, há que se pensar que esses dados podem não ser exatamente reais, uma vez que as meninas são orientadas, muitas vezes, a não falarem sobre suas vidas sexuais e sexualidades em si.

O início da vida sexualmente ativa na adolescência já tem sido registrado há muitos anos. Segundo as Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde (SUS, 2010), a sexualidade é fundamental na saúde de adolescentes e trata-se de um fenômeno fortemente influenciado por crenças, normas morais e tabus da sociedade.

A sexualidade é um componente intrínseco da pessoa e fundamental na saúde de adolescentes e jovens, que transcende o aspecto meramente biológico, manifestando-se também como um fenômeno psicológico e social, fortemente influenciado pelas crenças e valores pessoais e familiares, normas morais e tabus da sociedade. (DIRETRIZES NACIONAIS PARA A ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DE ADOLESCENTES E

Sendo assim, entendendo a adolescência enquanto responsabilidade comum e compartilhada (Art. 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990) e a sexualidade enquanto fundamental no desenvolvimento das adolescentes e jovens (SUS, 2010), é importante que a mídia assuma as suas responsabilidades perante o desenvolvimento saudável das sexualidades na adolescência, reconhecendo seu papel na construção de conceitos, valores, normas morais e tabus sociais relacionados a diversas temáticas que envolvem sexualidade: consentimento, doenças sexualmente transmissíveis, menstruação e ciclos hormonais, conhecimento do próprio corpo, gravidez, entre outras, a fim de produzir conteúdos diversos, disponibilizar informações de forma acessível, promover representatividades e oferecer visibilidade ao assunto. Nesse sentido, foi planejada e executada a criação do perfil *Tá Bom de Tabu* (@tabomdetabu).

2. Objetivos

Produzir conteúdo textual e imagético sobre educação sexual e reprodutiva na adolescência para plataforma digital sob forma de perfil (Instagram).

3. Justificativa

A taxa brasileira de gravidez na adolescência está acima da média latino-americana e caribenha - média essa, que já é considerada a segunda maior do mundo, segundo relatório publicado em 2018 por Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA)¹. Mundialmente, a taxa de gravidez adolescente é uma média de 46 nascimentos para da 1 mil meninas entre 15 e 19 anos. No Brasil, a média é de 68,4, segundo o relatório.

Dadas as informações citadas acima, é importante o seguinte questionamento: a adolescência é responsabilidade de quem? Olhando para a história, se entende que tal faixa etária não foi considerada enquanto prioridade por muito tempo, ocupando, inclusive, um lugar de menos-

¹ Trata-se do relatório “Acelerar el progreso hacia la reducción del embarazo adolescente en América Latina y el Caribe”, de 2018.

prezo e exclusão social. Até hoje, apenas se encontra registros de crianças e adolescentes em manifestações artísticas produzidas a partir do século XII pois, até então, elas não eram representadas e nem retratadas de outras formas.

à arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou a falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo (ARIES, 1978, p. 50).

A partir dos anos 1960 é quando se inicia uma série de políticas que buscam promover um olhar mais atento aos cuidados com a infância e adolescência, descentralizando da igreja os locais de assistência.

No ano de 1964, o governo militar introduziu, mediante a Lei 4.513 de 1º de dezembro de 1964, a Política Nacional do Bem - Estar Social do Menor, cabendo a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) sua execução. Seus objetivos eram cuidar do menor carente, abandonado e delinquente, cujos desajustes sociais se atribuíam aos desafetos familiares (NETO, 2000, p. 111)

Surgiram as FEBEMs (Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor) enquanto, teórica e idealmente, casas de assistência e amparo. Contudo, só em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), segundo seu artigo 4º, veio para garantir os direitos das crianças e dos adolescentes, reforçando o que já estava citado na Constituição e determinando que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros mais que asseguram a criança e adolescentes de ter seu desenvolvimento na sociedade em que vive (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, Câmara dos Deputados, Lei nº 8.069, 1990. Art. 4º).

A partir de então, a criança e o adolescente assumiram um papel de sujeitos de direitos, tendo de garantir o que foi estabelecido constitucionalmente e em estatuto. Ao realizar um repasse histórico, torna-se nítida a caminhada pelos direitos da infância e adolescência que se deu até agora. Contudo, também torna-se nítido que muito ainda precisa ser feito.

Nesse sentido, e reconhecendo o papel da comunicação nessa caminhada pelos direitos das crianças e das adolescentes, o *Tá Bom de Tabu* pretende contribuir no processo educacional sobre educação sexual e reprodutiva para adolescentes, contribuindo também na construção de

novos sentidos de gravidez pelas jovens, oferecendo espaço para conexões, trocas de informação e acolhimento, ressignificando sentidos a respeito da saúde, do autocuidado, da atividade sexual, do empoderamento de corpos, consentimento, doenças sexualmente transmissíveis, reprodução, gravidez, parto, maternidade e outros.

4. Metodologia

A metodologia se dividiu entre pesquisa bibliográfica e desenvolvimento do produto. Sobre a pesquisa bibliográfica, foram consultados diversos textos sobre adolescência, saúde e mídia sob diversas vertentes e abordagens, como: mídias sociais, mídia-educação, papéis das mídias e relação entre mídia e adolescência. Também foram lidas muitas cartilhas e muitos documentos do Sistema Único de Saúde (SUS), que tratam sobre diretrizes nacionais, orientações e direcionamentos quanto ao atendimento em saúde para adolescentes no Brasil. Além do que já foi dito acima, também é importante mencionar que algumas pesquisas foram consultadas em busca de informações estatísticas, de diferentes fontes, como IBGE, *Global Digital Report*, Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), Fundação ABRINQ, Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República e Ministério da Saúde.

Com a pesquisa bibliográfica, foi possível pensar a adolescência de maneira contextualizada historicamente, entendendo melhor a sua trajetória diante das políticas públicas e de cuidado. Tal reflexão, portanto, foi de extrema importância para compreender as pessoas adolescentes enquanto sujeitos de direito, inclusive de direitos sexuais e reprodutivos.

Outro caminho importantíssimo desenvolvido a partir da pesquisa bibliográfica foi o de reflexão sobre as relações atualmente estabelecidas entre o jornalismo e as pautas de educação sexual e reprodutiva na adolescência, permitindo a construção de um produto final que se pretende enquanto perfil de comunicação que busca novas possibilidades de abordagem jornalística diante das mesmas pautas acima citadas.

Por fim, a pesquisa bibliográfica foi extremamente relevante em uma maior compreensão das tecnologias digitais e mídias sociais, sendo uma oportunidade de pensar as suas definições, aplicações e resultados perante a população adolescente brasileira. Além disso, também foi um

momento para entendê-las enquanto instrumentos educadores, capazes de empoderar adolescentes por meio do letramento mediático, por meio da busca crítica por informações e também por meio da garantia consciente de sua própria proteção em diversos âmbitos.

Já o desenvolvimento do produto contou com a análise de referências, elaboração de pautas, apuração jornalística e desenvolvimento de sua identidade visual, tópicos que serão detalhadamente abordados em capítulos específicos ao longo deste memorial.

5. Quadro Teórico

5.1 Educação sexual e a mídia

De acordo com o *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA), as crianças e adolescentes devem usufruir de todos os direitos fundamentais à pessoa humana, ainda que sejam sujeitos em desenvolvimento e formação.

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, Lei nº 8.069, 1990. Art. 3º)

Sendo assim, os direitos sexuais e reprodutivos, que contemplam toda a diversidade humana, também precisam ser de acesso aos adolescentes, afinal, esses também são sujeitos de direitos.

Os direitos sexuais e reprodutivos foram reconhecidos como direitos fundamentais da população jovem em uma série de compromissos assumidos pelo Estado brasileiro ao longo do tempo, o primeiro deles foi a Conferência Mundial de Direitos Humanos de 1933, em Viena. O compromisso também foi firmado na Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (CIPD), Cairo 1994; bem como aos princípios da Convenção para Erradicar, Sancionar e Punir a Violência contra as Mulheres (CEDAW), em 1994 novamente. Tais eventos foram de suma importância para o reconhecimento das pessoas adolescentes enquanto sujeitos de direito. Sobre o direito à saúde sexual e reprodutiva, foi desenvolvido um bloco de direitos fundamentais, são eles

Direito de viver plenamente a sexualidade sem medo, vergonha, culpa e falsas crenças;
Direito de viver a sexualidade independentemente de estado civil, idade ou condição física;
Direito de escolher o(a) parceiro(a) sexual;
Direito de escolher se quer ou não quer ter relação sexual;
Direito de viver e expressar livremente a sexualidade sem violência, discriminações e imposições, e com total respeito pelo corpo do(a) parceiro(a);
Direito de ter relação sexual, independentemente da reprodução;
Direito de decidir, de forma livre e responsável, se querem ou não ter filhos, quantos filhos desejam ter e em que momento de suas vidas;
Direito ao acesso à informação, a meios e técnicas para ter ou não ter filhos;
Direito de exercer a sexualidade e a reprodução livre de discriminação, imposição e

violência;
Direito ao sexo seguro para prevenção da gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e Aids;
Direito a serviços de saúde que garantam privacidade, sigilo e um atendimento de qualidade, sem discriminação;
Direito à informação e à educação sexual e reprodutiva (O SUS E A SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA DE ADOLESCENTES E JOVENS NO BRASIL, 2013, p. 20-21).

A vivência da sexualidade e as diversas questões envolvidas nesse universo é inerente à adolescência. Por ser um momento de diversas transições e modificações corporais, hormonais, sexuais e sociais, a temática se faz latente a esse período, trazendo consigo diversas dúvidas, questionamentos e reflexões a respeito do assunto. A garantia dos direitos sexuais e reprodutivos para adolescentes, nesse sentido, trabalha enquanto canal de acolhimento, escuta, fornecimento de conteúdos e informações, proteção e diálogo sobre o tema. O desenvolvimento desta, ressalta a importância do acesso à informação e da construção de uma autonomia e de uma individualidade crescentes entre adolescentes, que passam a se enxergar enquanto importantes e responsáveis pela promoção de sua própria saúde.

Nesse sentido, a Comunicação Social e as Mídias desempenham papel primordial na garantia dos direitos sexuais e reprodutivos das adolescentes por meio da produção, divulgação e acessibilidade a informações de qualidade, sem moralismos, discriminações, violências ou coerções a respeito do tema.

O campo da pesquisa a respeito das relações entre mídia e educação sexual não é vasto. Apesar de a mídia ser uma das principais fontes de pesquisa para adolescentes quando se trata do assunto, os estudos a respeito da temática ainda são poucos.

Outra fonte que temos que considerar de informações que alcança grande penetração nos diferentes espaços é a Internet, influenciando de forma considerável as opiniões, e consequentemente ações, destes jovens que estão vivenciando todas estas fases e querem acessar as diferentes informações para entender melhor o que está acontecendo com ele. (TRIZZOTI, 2013, p. 2).

Segundo a *Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM)*² de 2016, adolescentes e adultos jovens, de 16 a 24 anos, usam a internet durante a semana por 6h17 em média. Além disso, a pesquisa verificou que, dentre os dispositivos que possibilitam o acesso à internet, há preferência pelos que garantem mobilidade. Assim, 91% afirmaram em primeiro ou segundo lugar que acessam a

internet pelo celular; 65% declararam entrar na rede pelo computador, enquanto os tablets foram citados por 12%.

Outro fato verificado pela PBM é que, ao serem questionadas sobre o quanto confiam nas notícias que circulam pelas redes sociais, 64% das mulheres afirmaram que confiam “poucas vezes” e 67% dos jovens, entre 16 e 17 anos, afirmaram o mesmo. Finalizando, 51% das mulheres entrevistadas responderam que utilizam a internet 7 dias por semana, e 30% afirmou que faz o uso semanal por mais de 300 minutos. Quanto aos jovens entre 16 e 17 anos, 81% afirmou utilizar a internet todos os dias da semana e 42% diz que faz o uso por mais de 300 minutos semanais.

Sendo assim, considerando a grande presença da internet na vida dos adolescentes, confirmada pelo longo tempo de uso e pelo hábito rotineiro de acessá-la, é de suma importância que a Comunicação assuma a sua responsabilidade enquanto formadora e influenciadora no desenvolvimento da sexualidade e construção de conceitos e imaginários sobre saúde sexual e reprodutiva na vida desse público.

Como já desenvolvido nos tópicos acima, a infância e a adolescência são de responsabilidade comum e compartilhada a todas as esferas públicas e sociais no Brasil, inclusive à mídia. Além disso, ao tratar-se de temas da educação sexual especificamente, a mídia pode causar impactos reais, pois costuma ser acessível ao público jovem, tendo a possibilidade de tratar de assuntos considerados tabus de maneiras diferentes a partir de seus meios.

A educação sexual enquanto modelo preventivo, desenvolvido e divulgado também pelas mídias. Oliveira trata da idéia de que o jornalista deve tentar traduzir as informações e as pesquisas produzidas pela comunidade científica para uma linguagem clara e didática. Ao agir assim, a mídia torna-se capaz de ajudar os especialistas de saúde através do poder da comunicação nas tarefas de orientação, prevenção, planejamento e tratamento. (MONTEIRO; MONTEIRO, 2005)

O modo como a mídia costuma tratar a juventude não é diverso e plural como a própria juventude tem se configurado. Pelo contrário, as abordagens costumam ser cheia de estereótipos e moralizações. Tratando de adolescentes meninas e jovens mulheres, a mídia tende a ser ainda mais tendenciosa pois é atravessada por questões de desigualdades de gênero.

“Até que ponto a educação sexual faz falta?” Essa pergunta deu início a um programa de reportagens exibido numa das principais redes de televisão do país em 2004. O re-

pôster anunciava que tratariam sobre o “drama dos jovens que vivem suas primeiras experiências sexuais” e concluía: “nesse início de século, os adolescentes surpreendem pela pressa: tornam-se pais e mães como se isso fosse apenas mais uma brincadeira.” (ALTMANN, 2007, p. 287)

Recorrentemente, as mulheres que engravidam durante a adolescência e juventude são destaques na mídia como “gravidez indesejada”, “calamidade” e até “drama das jovens que vivem suas primeiras experiências sexuais”, como citado acima. Dessa forma, uma verdade única vai se desenvolvendo ao longo da temática, carregada de sensacionalismos e desprovida de sugestões ou possibilidades diante de situações que envolvem gravidez antes da fase adulta. Sendo assim, como pauta se considera apenas a gravidez, não visibilizando todos os outros assuntos relacionados a educação sexual e reprodutiva, os quais poderiam ser destaques utilizados, inclusive, de maneira preventiva e educativa.

5.2 Gravidez adolescente enquanto pauta

No século XIX, o discurso veiculado pela grande imprensa era bastante preocupado em oferecer orientações e direcionamentos a família enquanto fundamental para ação do movimento higienista. Sendo assim, algumas publicações em nome da “educação sexual” foram realizadas e direcionadas a esse público. É importante ressaltar aqui que, por “educação sexual”, se entendia como as responsabilidades e necessidades básicas para que homem e mulher sejam plenos reprodutores e guardiões de suas crias.

Um exemplo de ação pautada na educação sexual de base higienista é a publicação do periódico *A Mãe de Família: Jornal Científico e Litterario Illustrado*, de 1880, que difundiu diversos conteúdos direcionados a mães e pais da época. No caso, a higiene, assepsia e prevenção de doenças eram o grande fundamento do periódico, que produziu uma série de conteúdos envolvendo comportamento e outras questões sociais, a fim de divulgar os princípios higienistas. Contudo, tal exemplo é citado neste capítulo pois ele carrega o discurso que dita como deve ser o comportamento materno, tratando a maternidade enquanto uma função inerente a mulher, independente de quem seja ela.

“A mulher nasceu para ser mãe, a mãe deverá viver para seu filho ‘completamente’, devendo acabar para ella os prazeres ephemericos desse mundo, que não é o de seu tecto,

desse mundo de mentirosos, de intrigantes e calumniadores que estão sempre prontos a ferir até a sua virtude”. (COSTA, 1880; p. 66).

O imaginário de maternidade citado acima é presente na vida de diversas pessoas, contudo, faz parte do que se chama de um movimento de romantização da maternidade e a configuração, cada vez mais embasada pelo romantismo, de maternidade compulsória. O que se chama de *maternidade compulsória*, está relacionado a idealização do processo de gestar, parir e maternar que se propaga e se espera das mulheres.

Sendo assim, todas as dificuldades, responsabilidades e desafios desse processo são atribuídos exclusivamente à mulher e, ao mesmo tempo, não se oferece espaço para que ela fale sobre isso. Afinal, das mulheres se espera o desejo de ser mãe enquanto de forma nata e biológico. Judith Butler embasa a discussão e diz: “ao corpo das mulheres a obrigação compulsória de reproduzir [...] o desejo de dar à luz resulta de práticas sociais que exigem e produzem esses desejos, para levar a efeito seus objetivos reprodutivos” (BUTLER, 2003, p.136). No mesmo caminho, Matar e Diniz (2012) discutem que:

[...] a maternidade foi, e, em alguma medida, segue sendo, uma identidade forçada das mulheres já que, com frequência, não têm controle sobre seus corpos. Soma-se a isto o fato de que, ainda que haja uma mudança lenta em curso, no sentido de uma melhor e mais equilibrada divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres, as últimas ainda são as principais responsáveis pelo cuidado com os filhos, o que as mantém restritas à esfera doméstica, dependentes dos homens ou do Estado. (MATTAR; DINIZ, 2012, p.108)

Contudo, ainda quando as grávidas são adolescentes, o discurso que ronda esse tipo de gravidez e maternidade se mantém, mas ainda com outros estigmas e mais moralizações. Historicamente, o Brasil não possui bons registros de políticas para atenção e cuidado à população jovem ainda que, como já citado acima, de acordo com o artigo 4º do *Estatuto da Criança e do Adolescente*, de 1990, a infância e a adolescência são responsabilidade comum, compartilhada e prioritária no país.

Em janeiro de 2019, foi sancionada a Lei N° 13.798, que institui a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência. A Lei vigora no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e, sendo assim, a semana será celebrada todos os anos em fevereiro. A adolescente, ao engravidar, possui menores chances de ter uma boa experiência de gestação e maternidade, po-

dendo fazer parte de um ciclo de desamparo psicossocial, afetivo, de saúde, educação e tantas outras garantias básicas que acabam ficando pra trás no processo de gestar, parir e maternar.

A gestação na adolescência é considerada uma situação de risco biológico tanto para as adolescentes como para os recém-nascidos. Alguns autores observam que características fisiológicas e psicológicas da adolescência fariam com que uma gestação nesse período se caracterizasse como uma gestação de risco. Há evidências de que gestantes adolescentes podem sofrer mais intercorrências médicas durante gravidez e mesmo após esse evento que gestantes de outras faixas etárias. (DIAS; TEIXEIRA, 2010)

Ao tratar-se da abordagem midiática, a gravidez na adolescência costuma ser um mero conjunto de dados, são lamentações ou julgamentos vindos por todas as partes. Quando se aborda o tema, a grande mídia não costuma olhar para a menina envolvida ou se colocar à disposição para ouvir suas histórias e entender um pouco mais de como chegou até ali, como tem sido o processo de gestação ou quais são suas perspectivas para o futuro. Afinal, ao se tratar de adolescentes, espera-se que haja um longo futuro pela frente.

De certo modo, a “gravidez na adolescência” é encarada como um anacronismo, pois expectativas, demandas sociais e econômicas induzem a concepção de que essas duas experiências devam ser vividas separadamente. A juventude é atualmente concebida como um período de imaturidade, de instabilidade, em que a/o jovem deve viver novas experiências e investir na sua formação pessoal e profissional. Diferentemente, a gravidez requer uma situação mais amadurecida, estável e estruturada, seja em termos econômicos, profissionais ou pessoais.

Geralmente, as abordagens midiáticas realizadas acontecem num sentido de tratar da situação de gravidez na adolescência de modo geral, enquanto fenômeno social e, para isso, fazem o uso de algumas personagens para ilustrarem o ocorrido e as produções ficam reduzidas a isso. Afinal, a grande mídia está diretamente ligada ao sistema capitalista que se vive, buscando atender interesses mercadológicos. A gravidez durante a adolescência e juventude, contudo, quebra com o que o mercado espera dos indivíduos e, especificamente, das mulheres. É um pouco do que Altmann discute:

O imperativo da formação, por exemplo, para o qual a gravidez é vista como um obstáculo, está estabelecido nas novas condições do mercado de trabalho. A queda na oferta de empregos, aliada à demanda de mão-de-obra cada vez mais qualificada, impõe um retardamento da entrada no mercado de trabalho. Daí a necessidade de diminuir as taxas de fecundidade nessa faixa etária de modo a diminuir a pressão demográfica e seus problemas decorrentes. (ALTMANN, 2007, p. 300).

5.3 Redes Sociais

Vindas de diversos estudos que aconteceram no início do século XX, as primeiras reflexões em torno da ideia de Rede Social caminhavam junto dos estudos sobre relações sociais e comportamentos. Sendo assim, para a Sociologia, a metáfora da Rede Social estava atrelada a padrões comportamentais específicos condicionados por meio de relações sociais específicas, fazendo um paralelo entre as conexões humanas com as conexões de linhas e tecidos existentes em uma rede de pano.

Em 1954, John Barnes, da antropologia, foi registrado enquanto o primeiro a utilizar o termo Rede Social. Em inglês, *Social Network*, foi o termo escolhido e utilizado de forma sistemática para ilustrar suas ideias sobre relações e comportamentos, as quais foram desenvolvidas em estudos que incorporavam conceitos não só científicos das ciências sociais como também conceitos tradicionalmente utilizados pela sociedade de modo geral. (FERREIRA, 2011).

Independente da área científica que lidava com o termo *Rede Social*, um aspecto comum sempre destacado era a concepção de rede social enquanto um espaço de conexões, seja entre linhas que formam uma rede de pano ou seja entre pessoas, em seus mais variados tipos de conexões. Alguns estudos a fim de pensar e testar as estruturas das redes sociais aconteceram, um dos mais destacados historicamente é o de Stanley Milgran (1967) - um psicólogo social e professor de Harvard, que pretendia um resultado sobre o que significam as distâncias entre duas pessoas nos Estados Unidos.

O teste desenvolvido por Stanley consistia em enviar cartas manuscritas a diversas pessoas em Nebraska, dando a elas a missão de reenviar tais cartas para outras pessoas também residentes. A condição era que a pessoa fosse conhecida pelo primeiro nome e que as cartas fossem entregues em mãos e assim o desafio seguia, de pessoa para pessoa, até chegar ao destino diretamente ou passando de mão em mão, desde que fossem conhecidas. O número médio arredondado de pessoas necessárias para que a carta chegasse ao seu destino foi de 6 pessoas. Com tal resultado, Milgran cunhou o termo *small-world*, que significa “pequeno mundo” e foi escolhido a fim de destacar a grandeza das conexões entre a humanidade. (FERREIRA, 2011)

Ao longo do tempo, diversos outros cientistas contribuíram para a construção do conceito de *Rede Social*, desenvolvendo tipos de redes sociais, pensando as suas estruturas, suas limi-

tações e possibilidades. Tendo sido pensada e desenvolvida por tantos cientistas vindos de tantas áreas diferentes, os conceitos de *Rede Social* se tornaram vários, sob diversas perspectivas. Para alguns estudiosos das áreas exatas, por exemplo, o termo é considerado um conjunto de vértices com arestas, representando nós e conexões. (CASTRO, 2007, p. 45)

Como síntese, podemos afirmar que rede social é uma estrutura social composta por indivíduos, organizações, associações, empresas ou outras entidades sociais, designadas por atores, que estão conectadas por um ou vários tipos de relações que podem ser de amizade, familiares, comerciais, sexuais etc. Nessas relações, os atores sociais desencadeiam os movimentos e fluxos sociais, através dos quais partilham crenças, informação, poder, conhecimento, prestígio etc. (FERREIRA, 2011, p. 213)

Com o desenvolvimento da internet, novos espaços de encontros e conexões foram também se desenvolvendo. Tratando-se de uma sociedade brasileira na qual a internet ocupa segundo lugar como principal meio para se informar sobre o que acontece no país (Pesquisa Brasileira de Mídia, 2016, p. 48), tais espaços possuem grande relevância socialmente. Esses espaços, contudo, têm sido associados ao conceito de *Rede Social*, o qual se torna então diretamente ligado a tecnologias digitais e as conexões existentes em seu espaço virtual, desconsiderando toda a pesquisa desenvolvida, como citado acima, acerca do termo. Sendo assim, é importante ressaltar que os espaços de conexões e encontros existentes virtualmente podem ser considerados manifestações de algumas redes sociais, contudo, não se configuram como tal.

Esses aplicativos digitais podem ser entendidos como manifestações especiais e particulares de algumas redes sociais ou como ferramentas que permitem a explicitação digital de redes tácitas e o estímulo e desenvolvimento de novas redes com características particulares. (FERREIRA, 2011, p. 214)

5.4 Mídias Sociais

Considerando a reflexão realizada acima sobre redes sociais, alguns conceitos e possibilidades, é importante refletir também sobre as definições do que atualmente se chama por *mídia social*. Dentre as referências que colaboraram para a origem do termo, o comum entre elas está no fato de tratar-se sempre de uma tecnologia digital, o que não é um fato sobre as chamadas redes sociais. Sobre o termo *mídia social*, é importante destacar que sua história não é tão antiga

quanto a do termo *rede social*, inclusive, sobre o termo, que já é amplamente utilizado e repetido entre as pessoas, pouco se tem registros de pesquisas e reflexões. Sobre a origem do termo *Mídia Social*, a principal referência até então citada é Chris Shipley - uma norte-americana que é escritora, analista e pesquisadora da indústria tecnológica há cerca de 25 anos. Sobre como surgiu o termo, ela diz:

Nós estávamos trabalhando na conferência BlogOn9 com um entendimento de que blogs (Moveable Type), leitores de notícias (Newsgator), e colaboração social (Social-text) e sites de perfis (LinkedIn) estavam se desenvolvendo de forma independente como mercados, mas eram todos também dirigidos pelas mesmas dinâmicas de interações pessoais, uma mudança de controle. Nós precisávamos de uma maneira de descrevermos os tipos de negócios e dinâmicas que estavam emergindo. “Mídias sociais” capturou isso. (MILLER, 2010, online).

No que Shipley disse acima, é possível perceber que houve uma preocupação com a situação mercadológica da época, que estava crescendo em diversos rumos. Além disso, também o interesse em algum elemento que abrangesse os diversos tipos de plataformas que estavam emergindo juntas, cada uma dentro de sua especificidade, porém juntas. Como citado acima: “[...] estavam todas se desenvolvendo de forma independente como mercados, mas eram todos também dirigidos pelas mesmas dinâmicas de interações pessoais”.

Algumas outras definições sobre o termo costumam destacar as suas possibilidades digitais e tecnológicas, tidas como facilidades no ciberespaço. Sobre isso, Lamp *et al* (2011, p.2) diz: “O termo “mídias sociais” inclui uma variedade de ferramentas e serviços que viabilizam interação direta do usuário em ambientes mediados por computador”. Para além disso, as especificidades dos aplicativos e sites online, entendidos até então como mídias sociais, também podem ser utilizadas para contribuir com as definições do termo, ressaltando a relação entre a tecnologia e a produção de conteúdo realizada por suas administradoras. Lim, Chung e Weaver (2012) utilizam-se de algumas dessas especificidades que caracterizam o uso de mídias sociais através de termos específicos de seu uso, como: postar, blogar, taguear. Telles (2010, p. 19). Ainda nessa linha voltada para o Marketing Digital, define *mídia social* como: “sites na internet construídos para permitir a criação colaborativa de conteúdo, a interação social e o compartilhamento de informações em diversos formatos”.

As *mídias sociais* possuem outras definições para além das citadas acima, a maioria delas enfatizando alguma relação ou possibilidade que só é possível devido à presença da tecnologia digital em suas utilizações. Sendo assim, tão significativa é a presença tecnológica nesse âmbito que se torna importante pensar a tecnologia digital não somente enquanto instrumento mas também enquanto relação. Dessa forma, é importante refletir sobre as relações estabelecidas entre os seres humanos e as tecnologias dispostas por meio das mídias sociais.

5.5 Mídia-Educação

Dada a relevância e o alcance das mídias sociais na sociedade brasileira atual, principalmente entre o público jovem, é importante que se pense em processos de educação relacionados ao acesso e uso das mídias. Afinal, quanto mais familiarizadas e informadas a respeito das possibilidades e recursos existentes nas mídias sociais, mais condições de se protegerem as adolescentes terão, além de se apropriarem dessas de forma autônoma, crítica e consciente. Isso é o que se chama de *mídia-educação*, ou seja, um conjunto de ações que envolva pensar o uso das mídias também enquanto processo educacional e comunicativo, refletindo sobre os seus recursos, meios de utilização e suas aplicações de na vida social.

Também é preciso ressaltar que as mídias são importantes e sofisticados *dispositivos técnicos* de comunicação que atuam em muitas esferas da vida social, não apenas com funções efetivas de controle social (político, ideológico...), mas também gerando novos modos de perceber a realidade, de aprender, de produzir e difundir conhecimentos e informações. (BÈVORT e BELLONI, 2009, p. 1083)

Em seus primeiros registros, entre as décadas de 50 e 60, na Europa, nos Estados Unidos e no Canadá, a *mídia-educação* surgiu pois era crescente a preocupação com relação aos efeitos mediáticos diante questões políticas e ideológicas da época. Contudo, com o tempo, a relação com a *mídia-educação* foi ampliada e passou de temor aos efeitos mediáticos para maneiras de conviver e se relacionar com as mídias e seus efeitos de maneira inteligente e crítica, refletindo sobre as possibilidades de estudo das mídias para que essas sejam, então, utilizadas da melhor maneira possível, como instrumento educador e consciente ao invés de manipulador e coercitivo.

Todas as maneiras de estudar, aprender e ensinar em todos os níveis (...) e em todas as circunstâncias, a história, a criação, a utilização e a avaliação das mídias enquanto artes práticas e técnicas, bem como o lugar que elas ocupam na sociedade, seu impacto social, as implicações da comunicação mediatizada, a participação, a modificação do modo

de percepção que elas engendram, o papel do trabalho criativo e o acesso às mídias. (UNESCO, 1984)

Pensar as mídias enquanto instrumentos educadores significa também pensar a educação para além da escola e a escola enquanto um ambiente não só de formações conteudistas e programáticas, mas também como um espaço de encontro e conexão com áreas do conhecimento dispostas socialmente. Outras possibilidades surgem quando se entende as mídias como possíveis instrumentos de educação também em sala de aula, segundo Citelli (2006, p.7), “[...] transforma a sala de aula em um espaço cruzado por mensagens, signos e códigos que não se ajustam ou se limitam à tradição conteudística e enciclopédica que rege a educação formal [...]”.

Além do dito acima, ter as mídias como dispositivos para a educação também propicia pensá-las de maneira educativa e crítica, conhecendo suas ferramentas e vivenciando maneiras de melhor utilizá-las, explorando possibilidades que não sejam somente as convencionais e incentivadas pelo consumo - o qual, como citado no capítulo acima, está diretamente relacionado ao uso do Instagram atualmente.

6. O Instagram

Sobre o acesso à internet, a *Global Digital Report* (GDR) de 2019 afirma que 70% da população brasileira a utiliza. Além disso, O Brasil ocupa o 10º lugar no *ranking* de maior crescimento absoluto em uso da internet, tendo crescido cerca de 7% no último ano, o que equivale a mais de 9 milhões de novas usuárias. Além disso, o estudo aponta que os brasileiros gastam, em uma quantidade média diária, 9 horas e 21 minutos do seu tempo utilizando a internet por diversos aparelhos. Dessas 9 horas, 4 horas e meia são gastas por meio de aparelhos móveis.

Ainda segundo o GDR de 2019, 66% da população brasileira é ativa nas mídias sociais, gastando cerca de 3 horas e meia acessando essas mídias. Sobre o Instagram, a mídia ocupa o segundo lugar no *ranking* mundial de audiência entre as mídias sociais, estando atrás somente do Facebook. A essa mídia, o Brasil é o terceiro país que mais lhe proporciona audiência, ficando atrás somente dos Estados Unidos e da Índia, são cerca de 69 milhões de usuários. Mensalmente, circulam no Instagram cerca de 1 bilhão de pessoas de todo o mundo. Só no Brasil, a plataforma acumula 57 milhões de usuários ativos, cerca de 27% da população total do país.

Em outubro de 2010 o Instagram foi criado, desde então não se reduz mais ao que era sua proposta inicial - ser uma rede de compartilhamento de imagens. Atualmente, é possível compartilhar também vídeos e fazer postagens rápidas, que permanecem ativas somente por 24h - os chamados Stories. Os usuários podem trocar mensagens de texto e de voz e compartilhar conteúdos dentro do próprio Instagram uns com os outros, individualmente ou em grupos. É possível comentar as fotos, curtir-las e compartilhá-las no seu próprio Story, desde que o autor da postagem não tenha seu perfil privado.

Para empresas ou qualquer perfil que se coloque enquanto comercial, o Instagram oferece diversas ferramentas de métricas e vendas. A aplicação funciona não só como plataforma de compartilhamento de conteúdo audiovisual e textual, como também de troca de mensagens instantâneas e plataforma de marketing e vendas, se tornando cada vez mais multifuncional. As modificações sofridas pelo Instagram ao longo dos últimos anos mostram a adaptabilidade da

plataforma às inovações tecnológicas e as demandas que surgiram ao longo do tempo para as redes sociais de forma geral. Além disso, muitas das atualizações implementadas atuaram no sentido de expandir o potencial dialógico e o nível de interação entre os usuários, que costumam ter um conjunto de blogs de seu interesse todos dispostos em uma só plataforma.

Ao pesquisar bibliograficamente sobre o Instagram, muito se encontra a respeito de suas ferramentas e como melhor utilizá-las, mas somente de uma maneira diretamente ligada ao *marketing*, com propósitos relacionados a vendas e consumo. Geralmente em formato de anúncios ou artigos informativos, é bastante comum títulos como: “Apps para Stories: veja oito opções para fazer posts criativos no Instagram”, ou “Ganhar curtidas e seguidores no Instagram”.

Sobre o Instagram enquanto instrumento de educação, alguns textos foram encontrados relatando experiências educativas que envolveram o uso da mídia social. Experiências como o aprendizado em línguas estrangeiras e dicas de estudo para concursos públicos são exemplos de uso da mídia enquanto meio educativo. Contudo, é importante ressaltar que as possibilidades do Instagram enquanto instrumento de educação não se limitam a produção de conteúdos específicos ou a seu uso dentro do contexto escolar.

Existem possibilidades para a exploração de suas ferramentas também enquanto educação para a mídia, utilizando-se das informações e dados oferecidos pela plataforma em prol de novas abordagens perante ao que já se tem na chamada grande mídia ou mídia tradicional. Desenvolvendo, assim, um processo de múltiplas interpretações e significados da mídia para seu público - que, por outra via, participa de maneira mais ativa na construção dessa.

7. O produto: *Tá Bom de Tabu*

A educação sexual e reprodutiva na adolescência é não só um direito como também uma política importantíssima por diversos fatores. A responsabilidade de acolher e oferecer informações a respeito das dúvidas e questionamentos vindos das adolescentes é responsabilidade inerte a todos que são responsáveis por sua criação, proteção, educação e desenvolvimento - ou seja, toda a sociedade, segundo o ECA.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, Câmara dos Deputados, Lei nº 8.069, 1990. Art. 4º).

Dadas todas as contextualizações e justificativas já realizadas acima ao longo do processo de detalhamento e memória do projeto, a construção do produto buscou ao máximo estar alinhada com tudo o que foi refletido e pontuado enquanto relevante durante o processo de pesquisa teórica e bibliográfica, análise de referências e vivências realizadas. Fundamentada em princípios da mídia-educação, a decisão pela criação de um perfil no Instagram se baseou em uma maior gama de possibilidades audiovisuais, textuais, de compartilhamentos, engajamento e relacionamento próximo com o público.

Desse modo, *Tá bom de Tabu* é uma tentativa de abordagem aos assuntos envolvendo educação sexual e reprodutiva na adolescência, enquanto meio de educação, acesso à informação, empoderamento, cuidado com o corpo e prevenção de doenças e gravidez indesejada. Contudo, a proposta principal é desenvolver um projeto que seja primeiramente atrativo a seu público-alvo, que são as adolescentes, as pessoas que vivenciam as temáticas abordadas. Não somente mais um local de informações sobre os assuntos, com linguagem científica, cheia de dados e impessoalidades, mas sim um local que funcione de maneira dialógica, baseada na escuta, na percepção e na tentativa de uma apuração justa - etapas que antecedem a produção e divulgação de conteúdo, que são primordiais no desenvolvimento de todo o projeto.

A proposta do perfil é que as adolescentes e os adolescentes se sintam mais à vontade para tratar de tais assuntos presentes em suas vidas sem o fardo que os tabus e moralismos carre-

gam. A proposta é o desenvolvimento de um espaço de proximidade, conteúdo e construções coletivas dentro da temática estabelecida.

Por meio de recursos da mídia-educação, a intenção é que o discurso seja apropriado pela própria juventude que vivencia ou vivenciou as situações expostas, que tenham oportunidade de contar suas histórias, de estar em contato com outras que também passam pelo mesmo; que tenham acesso a conteúdos que lhes serão úteis sobre sexualidade e saúde reprodutiva, para além do que a grande mídia oferece, para além dos tabus e das cobranças. Dar visibilidade e oferecer representatividade enquanto forma de educação, acolhimento, rede de apoio, informação e articulação entre adolescentes, é o que se propõe o *Tá Bom de Tabu*. Oferecer uma contribuição da Comunicação no processo de responsabilidade compartilhada que é cuidar da infância e da adolescência enquanto prioridade absoluta no Brasil.

7.1 O nome

Quando se pesquisa “tabu na adolescência” no Google, a grande maioria dos resultados possuem as palavras sexo, sexualidade, sexual, gênero, etc. De acordo com o Dicionário Michaelis de língua portuguesa, a definição de tabu é:

1. Proibido por crença supersticiosa; 2. Que é objeto dessa proibição; 3. De caráter sagrado; 4. Mantido distante pelo temor à punição; 5. Censurado por crença ou pudor: Quando eu era criança, sexo na minha casa era tabu; 6. Diz-se de pessoa que é tradicionalmente respeitada ou venerada (MICHAELIS, 2019)

A palavra tabu, de origem Polinésia, teve seu primeiro registro de uso em 1771, pelo capitão James Cook, em uma visita que fez a Tonga - na Oceania. Após o registro realizado, a palavra foi introduzida também na língua inglesa e, dessa forma, se difundiu para outros idiomas e outras culturas. Tabu foi um tema estudado pela Sociologia e também pela Filosofia, principalmente por Freud e Levi-Strauss. Freud tratou do tema por meio da psicanálise Freudiana e Levi-Strauss abordou o assunto por meio da antropologia estrutural. Nas duas pesquisas, a abordagem do tabu enquanto questão se deu diretamente relacionada ao incesto e práticas incestuosas na humanidade.

Figura 5 – Pesquisa no Google sobre tabu na adolescência



Fonte: captura de tela de página do Google, 2019

Na imagem, uma captura de tela de uma pesquisa no Google, fica exposto o que já foi dito acima sobre a relação direta entre tabu e educação sexual na adolescência. Sendo assim, foi partindo do pressuposto de que há uma noção comum e coletiva do assunto educação sexual e reprodutiva existindo enquanto um tabu, que o nome *Tá Bom de Tabu* surgiu.

Ao longo do processo de pensar o nome do perfil *Tá Bom de Tabu*, surgiu a curiosidade sobre quais entendimentos de tabu tinham as adolescentes. Após a primeira aproximação pessoal com grupos adolescentes, que será relatada em outros capítulos, acreditou-se que, de forma escrita, essas pessoas conseguiriam estruturar melhor o que pensavam a respeito da palavra.

Sendo assim, foi desenvolvido um formulário com algumas questões sobre educação sexual e reprodutiva, mas a primeira delas foi “O que é tabu pra você?”. Ao todo, foram 24 respostas, uma amostragem pequena, mas que rendeu bons frutos no caminho de pensar a definição dessa palavra. As respostas foram variadas, mas considera-se que todas estão de acordo com o que se pensou inicialmente a respeito de seus significados e aplicações perante a sociedade, o que reafirmou a escolha do nome. Segue o quadro de respostas abaixo:

Figura 6 - Respostas do formulário de pesquisa

O que é Tabu pra você?

24 respostas

assuntos dos quais não são comumente falados
Proibição de assuntos que possam causar constrangimento.
assuntos que precisam ser debatidos e não são por conservadorismo da sociedade
sexualidade
Nada
proteção no sexo lésbico
Aquilo que as pessoas tem receio de conversar sobre
Algo que é marginalizado a ponto de ser incômodo falar sobre
desnaturalizar algo que é normal
a restrição sobre determinados assuntos restringidos na sociedade
um assunto que as pessoas não conversam sobre de forma natural
padrões da sociedade que dificilmente são quebrados

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

Figura 7 - Respostas do formulário de pesquisa

O que é Tabu pra você?

24 respostas

padrões da sociedade que dificilmente são quebrados
Regra
algo que ainda nao é tratado como normal
Algo que não é discutido abertamente
proibição de algo moral, social ou religioso
Tabu é um assunto velado devido a valores sociais que subvertem o significado real do assunto
É quando as pessoas criam uma barreira para determinados assuntos com um sentimento de pudor por falta de conhecimento a respeito
São ideais medievais que reprimem a sexualidade natural das pessoas para garantir a "reprodução natural e organizada entre um homem e uma mulher"
Um assunto que pode ser desconfortável para as pessoas falarem sobre.
Um assunto desconfortável para as pessoas
Assunto que não tem liberdade pra falar

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

Tá bom de tabu foi escolhido pra dizer chega de tabu, para sugerir abordagens que tratem da temática levando em consideração toda a sua relevância, em diversos eixos, de forma próxima a seu público-alvo, sem impessoalizar as situações, sem generalizar contextos, pessoas e relatos. O nome foi escolhido e desenvolvido para ser como um cartão de visitas que diz “aqui você pode ficar à vontade” ou “aqui é um espaço seguro, livre de tabus”.

7.2 Análise de referências

O processo de construção do perfil contou com uma etapa de pesquisa no próprio *Instagram* a fim de encontrar perfis que estivessem relacionados a temática proposta. Sendo assim, foram selecionados os que, de alguma forma, estivessem produzindo conteúdo sobre educação sexual e reprodutiva ou, de alguma maneira, estivessem produzindo conteúdo para adolescentes e se preocupando com esse público.

Os perfis selecionados são exemplos não só de inspiração para a criação do *Tá Bom de Tabu* como também são exemplos concretos de projetos que conseguiram seus espaços e seus públicos dentro da plataforma Instagram. Em todos os dois exemplos utilizados, o público-alvo é de adolescentes, em sua maioria meninas. Considera-se que os dois perfis apresentados possuem bom alcance, dentro de seus objetivos específicos, e seguem, de maneiras diferentes e dentre outras temáticas, trabalhando com a educação sexual e reprodutiva para adolescentes.

O primeiro exemplo é o perfil @revistacapitolina, que é a plataforma no Instagram da marca Capitolina. A marca é, principalmente, uma revista online independente para garotas adolescentes. Mas também já publicou dois livros, o *Capitolina vol. 1 - O Poder é das Garotas* e o *Capitolina vol. 2 - O Mundo é das Garotas*. Periodicamente, a revista produz e divulga conteúdos relacionados a diversas temáticas como escola, sexualidade, relacionamentos, padrões corporais e diversos outros assuntos no período da adolescência e juventude. Para além disso, a revista costuma ter uma abordagem de acolhimento para questões tidas como recorrentes na vida de seu público adolescente, buscando tratá-las de maneira bastante natural e otimista. “Para nós, é imprescindível que as garotas vejam suas realidades como algo que deve ser apropriado, em vez de negado.”, elas dizem no site da revista³.

Sobre o perfil @revistacapitolina no Instagram, esse possui cerca de 12 mil seguidoras e seguidores. Elas não publicam diariamente e utilizam bastante o perfil enquanto ferramenta de compartilhamento de seus próprios conteúdos publicados no site, para além de indicações a respeito de outros perfis, séries, personalidades e temas que condizem com a proposta da revista. Outra forma de utilização bastante recorrente no perfil é no sentido motivacional explicado no parágrafo acima, que busca naturalizar os desafios da adolescência e abordá-los de forma acolhedora, direta e simples. O uso de hashtags nos posts acontece, mas não sempre. Ultimamente, o que tem sido bastante utilizado pelo perfil é o recurso “destaques”, que oferece espaço para armazenamento permanente dos stories, que normalmente só ficam disponíveis por 24 horas a partir da publicação. Nos destaques, separam conteúdos por editorias, são elas: links, cuidado, saúde sexual, receitas!, discriminação, desafios!, pra você.

Figura 1 - publicação do perfil @revistacapitolina



Fonte: Instagram da Revista Capitolina, 2019.

Figura 2 - captura de tela de um *storie* do perfil @revistacapitolina



Fonte: Instagram da Revista Capitolina, 2019

A linguagem da *Revista Capitolina* no Instagram costuma ser bem simples, direta e explicativa, muitas vezes com pouco texto e acesso a outros links. Na parte visual, a maioria das imagens utilizadas são ilustrações feitas por colaboradoras. Inclusive, esse é um dos pontos mais fortes da página, as ilustrações.

Figura 3 - Publicação do perfil @revistacapitolina



Fonte: Instagram da Revista Capitolina, 2019

Quanto a interação com o público, a página costuma fazer publicações que sugerem compartilhamentos entre as seguidoras e interações por meio dos comentários. Por muitas vezes, até incluem na legenda coisas do tipo: “Marca aquela amiga que você vai chamar pra sextar nesse dia gostoso de verão!”, ou “Você já conhecia essas mulheres? Conhece outras cientistas negras que merecem mais destaque na história? Comenta aqui embaixo!”. A linguagem utilizada é uma inspiração para a linguagem do *Tá Bom de Tabu*, as frases são curtas, as palavras estão de acordo com o público adolescente, termos como “sextar” e outras gírias do momento são utilizadas. O que, segundo essa análise, aproxima o público e aumenta o engajamento da página.

O segundo perfil analisado é o @escoladeapp. A conta existe desde maio de 2018 e o projeto, do grupo *Internet e Direitos Humanos*, busca enfrentar e discutir a violência contra meninas e mulheres nos meios digitais. No perfil, se definem como organização sem fins lucrativos e atuam digital e presencialmente principalmente no Distrito Federal, mas já estiveram também em outros estados do Brasil. Tratando-se de conteúdo, o projeto já produziu uma cartilha chamada *Enfrentando a Violência Online Contra Meninas* - que está disponível online e também já foi distribuída de forma física em algumas das ações presenciais realizadas pelo projeto, geralmente em escolas.

Sobre o perfil @escoladeapp no Instagram, esse possui cerca de 650 seguidoras e seguidores. A maioria das publicações do *Escola de App* acontecem no sentido de registrar as ações do projeto, que acontecem presencialmente de diversas formas e em diversos lugares. Contudo, para além dos registros, com o tempo, o perfil começou a incorporar outros tipos de conteúdo que iam de acordo com a linha editorial da conta. Por exemplo, uma série guiada pela hashtag #MulheresQueInspiram produziu diversas publicações no estilo “perfil” sobre mulheres históricas e importantes na luta feminista. Nesse sentido, com o desenvolvimento de séries temáticas de publicação e a preocupação com a proteção e empoderamento das adolescentes, o perfil também é uma inspiração para o *Tá Bom de Tabu*.

Figura 4 - Publicação do perfil @escoladeapp



Fonte: Perfil no Instagram do projeto Escola de App, 2018

7.3 Identidade Visual

A identidade visual do *Tá Bom de Tabu* foi pensada com alguns objetivos específicos para que o perfil estivesse ainda mais alinhado com as principais propostas do projeto. O primei-

ro objetivo é que as temáticas não sejam tratadas de maneira polêmica, dramática, ou como se fossem tragédias. É importante lembrar que o perfil trata de tabus, mas da quebra desses, do romper com os tabus na tentativa de ressignificar alguns temas por meio de novas abordagens mediáticas.

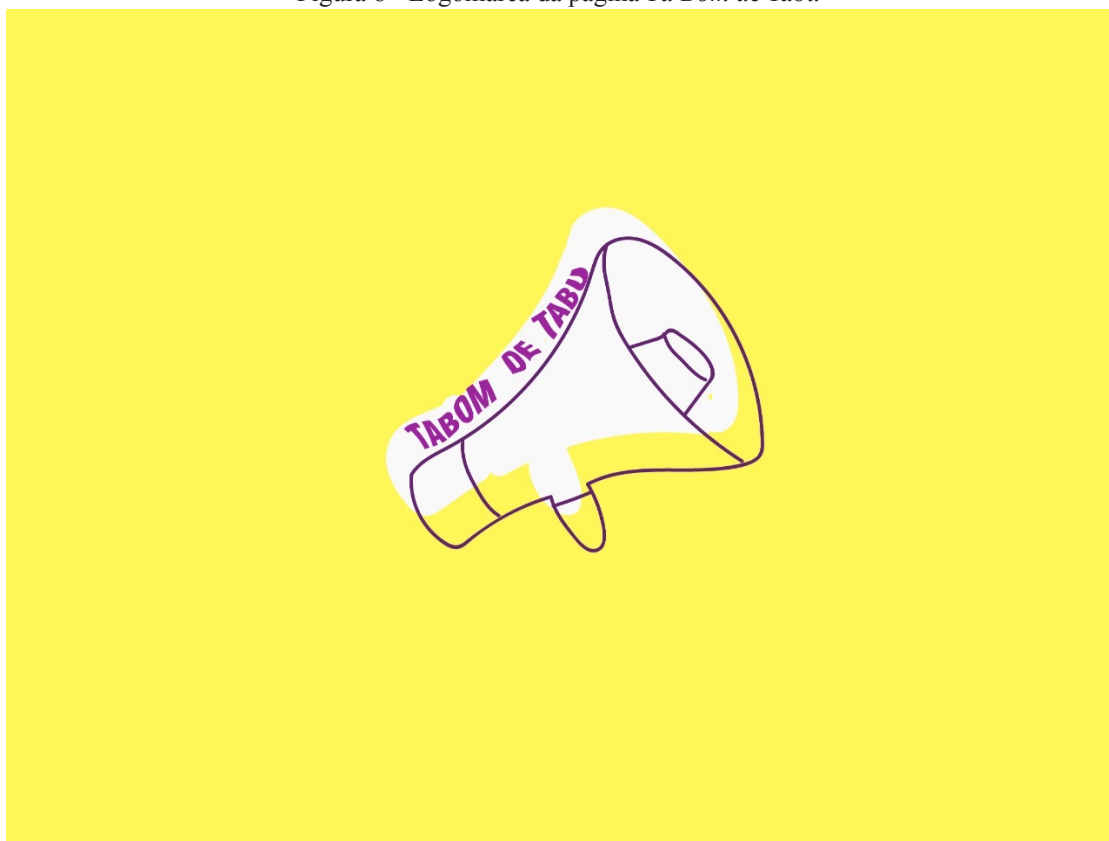
Quem desenvolveu a identidade visual foi Kali Souza, que tem 20 anos, mora em São Paulo e estuda Design. Conversamos sobre o que é o projeto, quais as ideias principais e trocamos algumas referências visuais. Ao longo das conversas, os primeiros detalhes foram surgindo, o primeiro deles foram as cores principais: amarelo e roxo. Para a escolha das cores, primeiramente foram descartadas as opções rosa e azul, por já serem comumente associadas a feminino ou masculino e não desejarmos tais estigmas ligados com a identidade visual do produto. Após o descarte, pensamos em outras possibilidades de cores vivas e que fossem capazes de gerar contraste, assim se deu a escolha do amarelo e do roxo.

Sobre a logomarca, desenvolvida por Kali, ela diz:

Basicamente, achei o megafone interessante como logomarca porque, para mim, ele representa a voz das pessoas e a comunicação. Numa praça, por exemplo, todo mundo está falando ao mesmo tempo e, por isso, não se distingue muito bem o que cada pessoa está expressando. Mas quando alguém usa um megafone, a mensagem dela é transmitida para todos ao redor dela e de forma clara e direta. O Tá Bom de Tabu quer passar informação e chamar para o diálogo uma geração que está espalhada numa praça pública, falando sobre assuntos geralmente evitados nas conversações casuais. (SOUZA, 2019)

Dessa forma, a logomarca foi desenvolvida nas cores principais e dentro da ideia citada acima, para ser a imagem de perfil da conta no Instagram.

Figura 8 - Logomarca da página *Tá Bom de Tabu*



Fonte: Kali Souza, 2019

Para além da logo, foram pensados alguns outros elementos da identidade visual, que contribuiriam para a produção e disseminação de conteúdo de maneira simples e prática, alinhados também à proposta de linguagem do projeto. Dessa forma, Kali desenvolveu plataformas base, tanto para os *posts* quanto para os *stories*, que podem ser editadas e modificadas a depender do conteúdo que será divulgado no momento. As plataformas foram desenvolvidas como opção de postagem, principalmente ao longo dos primeiros passos do perfil, como uma das estratégias para reforçar a identidade pensada. Seguem elas em alguns exemplos de uso:

Figura 9 – Exemplo de plataforma base do perfil *Tá Bom de Tabu*



Fonte: Kali Souza, 2019.

Figura 10 – Exemplo de plataforma base do perfil *Tá Bom de Tabu*



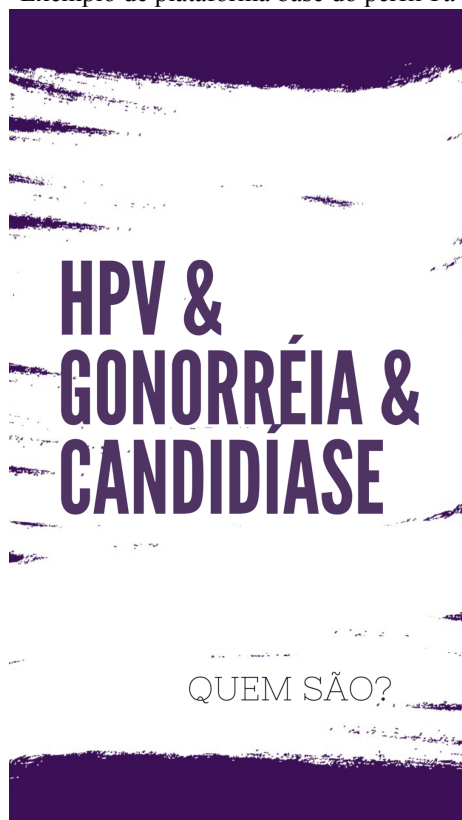
Fonte: Kali Souza, 2019.

Figura 11 – Exemplo de plataforma base do perfil *Tá Bom de Tabu*



Fonte: Kali Souza, 2019.

Figura 12 – Exemplo de plataforma base do perfil *Tá Bom de Tabu*



Fonte: Kali Souza, 2019.

7.4 Público-alvo e personas

A definição do público-alvo específico do produto levou em consideração o objetivo de alcançar o maior número de adolescentes e jovens possível, com o conteúdo de modo a difundir uma narrativa alternativa e que lhes atraia de maneira acolhedora. Alguns passos foram dados como estratégia digital para encontrar o público pretendido.

Segundo a *Global Digital Report* de 2019, existem cerca de 57 milhões de perfis no Instagram de pessoas entre 13 e 17 anos. Cerca de 30 milhões são de meninas e 27 milhões são de meninos. Ainda assim, toda essa quantia ocupa apenas 3% da audiência total mundial, que tem sua maior parte ocupada também por jovens, mas entre 18 e 14 anos de idade.

Com base nos dados citados acima e no que se espera do perfil *Tá Bom de Tabu* enquanto espaço de comunicação e educação, o público-alvo ficou definido como pessoas adolescentes, independente de gênero, entre 13 e 18 anos, que possuem perfis pessoais no Instagram. A partir disso, foram desenvolvidas três personas.

O processo de pensar as personas buscou abordar de maneira mais ampla os diversos perfis de adolescentes que foram encontrados ao longo das etapas de pesquisa do projeto, levando em consideração a grande quantidade de mudanças e oscilações emocionais, físicas, psicológicas, sociais e políticas que costumam ocorrer nessa etapa da vida. As três personas representam três diferentes trajetórias identitárias e culturais dentro do campo comum que é a faixa etária de 13 a 18 anos de idade, considerando as necessidades e rotinas básicas de direito a uma pessoa adolescente. São três perfis diferentes diante do que se espera da vida, o que se quer e o que se vivencia dessa. Em comum, contudo, são perfis que se encontram nos marcadores estabelecidos pela adolescência, envolvendo o desenvolvimento biológico, cultural e social das sexualidades e da reprodução.

Letícia: é uma menina negra, de 14 anos, que se entende como uma garota que gosta de outras garotas. Ainda está no ensino fundamental, no nono ano. Estuda em uma escola pública e não tem muitas amigas, apenas duas amigas que também estudam na sua sala e estão sempre por perto. As duas amigas, contudo, se entendem como meninas heterossexuais e Letícia se sente um pouco perdida quando as três conversam sobre sexo, sexualidade ou qualquer coisa que trate de relações em pares. Sem saber onde e como buscar por referências que não sejam somente as heteronormativas, ela tenta reprimir e silenciar um pouco as manifestações da sua sexualidade. Não gosta do seu estilo, mas também não sabe qual outro poderia ter, não conhece diretamente

outras meninas que se entendem como lésbicas e nem sabe se ela mesma é uma menina lésbica, só sabe que sente atração física e sexual por algumas meninas que vê. Sobre sexo entre duas meninas, nunca nem ouviu falar, mas pensa escondido e tem muitas dúvidas a respeito. Em casa, a família é católica e nunca teve o costume de conversar sobre qualquer assunto que fosse um tabu. Outro dia, viu a foto de um casal lésbico em uma revista da Capricho e resolveu comprar. Leu a revista, que dentre outros assuntos e propagandas de cosméticos, falava sobre um casal de atrizes brancas e adultas. Se sentiu feliz com algum conteúdo que matasse um pouco sua curiosidade, mas não se sentiu representada e também se sentiu feia. Letícia segue muito confusa, reprimida em todas as suas tentativas de buscar qualquer coisa que te dê uma luz nessa caminhada de descobrir quem é, do que gosta e o que quer para a vida.

Davi é um garoto negro, que tem 16 anos e ainda é virgem. Ele está no segundo ano do ensino médio, estuda em um colégio particular e tem muitas amizades, tanto meninos quanto meninas. Pelas pessoas da escola, ele é considerado um garoto muito bonito e sexy. Ele malha desde os 14 anos, joga futebol e tem muitas curtidas no Instagram. Com fama de pegador, tem o hábito diário de assistir a vídeos pornô na internet, às vezes se masturbando e às vezes tentando aprender como funciona esse negócio de transar. Inclusive, esse é seu segredo, ele ainda é virgem. Para os amigos, diz que perdeu a virgindade com uma prostituta quando tinha 15 anos, ele sente vergonha de dizer que ainda é virgem, tem medo que as pessoas achem que ele não sabe transar e sente muito inseguro quanto a isso. Em casa, sua família reforça a sua fama de garanhão, diz pra ele tomar cuidado e ver se não arruma filha logo, mas não fala abertamente sobre qualquer assunto que envolva sexo. Nos encontros de amigos, seu pai diz “premam suas cabras que meu bode está solto”, se referindo a Davi, mas nunca conversou com o filho de maneira íntima e sem julgamentos. Davi se sente aflito por ainda ser virgem enquanto todos os dias dedica seu tempo a aprender sobre sexo por meio de vídeos pornô, ele não tem coragem de se abrir com ninguém sobre suas angústias e às vezes nem chorar ele consegue. Sente vergonha por ter sentimentos e, como não sabe o que fazer com isso, segue malhando, jogando futebol, beijando várias garotas, mentindo pros amigos e assistindo vídeos pornográficos ao fim do dia.

Liz é uma garota branca, tem 18 anos e acabou de entrar na faculdade de Artes Plásticas. Sua família é bem “de boa”, como ela mesma diz. Atualmente ela mora com sua mãe, seu padrasto e duas irmãs mais novas em um apartamento grande, que foi herdado dos seus avós. Ela estudou a maior parte do tempo em um colégio de pedagogia Waldorf, uma prática de educação

de origem européia que vem da Antroposofia e, entre tantas coisas, valoriza aspectos emocionais e artísticos do desenvolvimento humano. O Ensino Médio ela cursou em um outro colégio particular da cidade e logo entrou para universidade pública. Nas primeiras semanas de aula, conheceu Jorge, um garoto 5 anos mais velho, que tem 23 anos e cursa Música na mesma universidade. Hoje, já no fim do seu segundo semestre da faculdade, Liz está namorando Jorge, eles estão juntos há quase um ano mas já faz uns dois meses que ele começou com comportamentos estranhos. Ele pede pra transarem sem camisinha mesmo sabendo que Liz não toma anticoncepcional pois não gosta da ideia de adicionar mais hormônios em seu corpo diariamente. Diz que é ela quem precisa se responsabilizar por uma não gravidez e que não vai continuar transando com camisinha porque ninguém faz isso hoje em dia. Além disso, Jorge às vezes sente ciúme dos seus amigos e chora muito, diz que vai se matar, desaparece por uns dias e depois volta chorando e dizendo que faz tudo isso por amar demais. Liz se sente bastante magoada com seus comportamentos, mas não consegue falar a respeito com ninguém. Sua família e suas amigas, que sempre foram tão receptivas e acolhedoras, veem em Jorge um cara incrível, atencioso, fofo, habilidoso, simpático, desconstruído de machismos e preconceitos. Dessa forma, ela não se sente corajosa o suficiente para contar o que tem passado e acabar com toda a imagem de casal perfeito existente entre os dois. Liz segue magoada, angustiada e cedendo às pressões e chantagens que Jorge faz, sem saber como agir e sem ter com quem conversar, ela diz pra se mesma que precisa agradecer à vida e ao universo porque tem um cara tão legal ao lado.

7.5 Linguagem

Buscando atingir todos os tipos de personas pensadas acima, a linguagem do *Tá Bom de Tabu* pretende ter um tom descontraído e acessível, sem estigmas e julgamentos de valor, como uma tia legal na família, que te acolhe, te leva pra comer algo gostoso, escuta com interesse o que você conta sobre a vida e guarda bem os segredos que você conta. A ideia é envolver o público por meio de conteúdos e relatos que inspirem alguma forma de identificação, além de confiança o suficiente para acreditar no que está sendo exposto e interagir com as publicações. Outro detalhe pensado em nome de uma melhor comunicação é o uso de termos e referências atuais utilizados pelas adolescentes, em busca de construir uma proximidade maior entre autora e leitor.

ras. Tudo isso pode acontecer por meio das hashtags, por meio de memes ou referências textuais que vêm de músicas de interesse do público, por exemplo.

Sobre os conteúdos informativos, existe uma atenção ainda maior de que a narrativa de informação tenha sido bem construída, que as fontes sejam confiáveis e que não haja espaço para múltiplas interpretações quando, de fato, não houverem outras interpretações. Tudo isso traduzido dentro do objetivo inicial de ser um perfil descontraído e acessível.

Um dos principais objetivos do *Tá Bom de Tabu* é a interação do seu público de qualquer que seja a maneira: respondendo ao que foi proposto, sugerindo, questionando, criticando, informando, ensinando ou qualquer que seja a interação. Sendo assim, outro ponto de atenção é com o cuidado em não desenvolver um espaço de narrativas hierárquicas ou um ciclo de comunicação unidirecional. As características do produto foram pensadas e desenvolvidas em nome de uma proximidade cada vez maior entre quem produz e quem consome, quebrando também com o tabu da impossibilidade de dialogar com pessoas adolescentes.

7.6 A escolha das pautas

Entendendo o perfil *Tá Bom de Tabu* enquanto um perfil que possui apenas um grande e amplo tema: educação sexual e reprodutiva na adolescência, a divisão dos conteúdos em editoriais foi descartada. A partir de então, o processo de pensar a execução das produções começou a partir da elaboração de alguns modelos de pauta.

A definição dos conteúdos a serem abordados envolveu diversas etapas, que não necessariamente se desenvolveram de uma maneira ordenada ou linear. Para a definição e produção das pautas, houve um processo de consulta bibliográfica, de pesquisa por meio de formulários e, principalmente, de muita conversa com adolescentes, com professoras, mães, jovens, adultos e idosos.

Como objetivo deste trabalho, ficou definida a produção e publicação de nove posts no Instagram. Contudo, com o processo de desenvolvimento e apuração das pautas, diversas temáticas surgiram e soaram muito interessantes para o que se pensou até então com este projeto. Sendo assim, ainda que todas as pautas não sejam abordadas até a data de apresentação deste trabalho, uma tabela foi produzida com 21 sugestões de pautas para o perfil.

Quadro 1 - Sugestões de pautas para o perfil *Tá Bom de Tabu*

SUGESTÕES DE PAUTAS:
O que é Tabu?
#EuNaGinecologista - Sobre a primeira consulta ginecológica
Relatos de gravidez adolescente
DST não é só AIDS - sobre doenças e infecções sexualmente transmissíveis
Glossário da menstruação - O que significam todas essas palavras?
Virgindade - quem é essa?
Se eu transei foi porque eu quis? - Sobre consentimento
Menino, o que te faz menino? - Sobre masculinidades
Sexo entre meninas
Sexo entre meninos
Sexo é diferente de sexualidade que é diferente de sensualidade (definições)
Como se cuidar? Ei, menino! Essa responsabilidade também é sua
Um papo reto sobre métodos contraceptivos - você já está mesmo cansada de saber?
Posso te dar uma dica? Esquece o que você aprendeu com pornografia
Relacionamentos abusivos - o que é isso?
#PoeaCaraNoSol - sobre sair do armário
#ElaeEu - minha relação com a menstruação
Situações inesperadas com a camisinha - quando fica preso, sai sem querer ou estoura
O que acontece todos os dias com esse corpo - Já ouviu a palavra da puberdade hoje?
O que significa ter um orgasmo?

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

7.7 O diálogo com adolescentes

Em busca de uma maior proximidade com o público do perfil *Tá Bom de Tabu*, o processo de pesquisa e construção das pautas também contou com algumas tentativas de diálogo com

grupos adolescentes, de maneiras diretas e indiretas. Algumas aproximações foram realizadas com adolescentes em si, mas também com professoras de adolescentes e mães de adolescentes. Além disso, foi realizado um breve formulário também como maneira de diálogo com adolescentes que não seriam abordados pessoalmente.

Sobre as aproximações a grupos de adolescentes, aconteceram três dessas durante o processo de escrita deste projeto. Todas elas foram em paradas de ônibus próximas a escolas de ensino fundamental e ensino médio de Brasília. O primeiro contato se dava a partir do assunto educação sexual, depois disso o plano era que conversas se desenvolvessem e, com isso, diversas questões fossem observadas.

Os principais pontos de observação foram: reações emitidas com a introdução e com o desenvolvimento do tema educação sexual, maneira como essas pessoas tratavam do assunto e da minha presença com amigos que estavam próximos, recepção e acolhimento a esse tipo de diálogo, demonstração de interesse ou desinteresse sobre as temáticas expostas, curiosidades e relatos compartilhados.

As três aproximações aconteceram em horários de saída da escola, as três no turno matutino. As escolas foram todas escolas públicas, são elas: Gisno, na 907 norte, Centro Educacional Asa Norte (CEAN), na 607 norte e Instituto Federal de Brasília (IFB), na 610 norte.

Geralmente, minha aproximação inicial se dava dizendo quem eu era, que estudava na UnB e estava pesquisando sobre educação sexual - tudo de uma maneira bem simples e descontraída. Em seguida, minha primeira pergunta era onde eles buscavam conteúdo sobre esse tema (e dava alguns exemplos, tipo: menstruação, virgindade, sexualidade, etc), se pesquisavam na internet, conversavam entre amigos ou outro meio. Também foi perguntado se já tinham tido acesso ao tema pela escola, se tinham alguma curiosidade específica e se achavam que era importante esse tipo de conversa. A partir dessas questões, a conversa se desenrolava. Às vezes não durava muito pois tinham que pegar o ônibus ou ficavam tímidos, às vezes durava bastante, surgiam desabafos e confissões e outros amigos eram convidados a participar.

Os encontros foram muito importantes, foram oportunidades de pesquisar de maneira direta sobre o que já estava sendo pensado e planejado para aquele público específico. Sobre o que foi observado seguem algumas conclusões. Com meninas, o diálogo foi mais aberto e prolongado, a impressão é de que elas se sentiam mais encorajadas a me contarem sobre suas experiências com a temática de educação sexual, compartilharem suas experiências e curiosidades.

Com os meninos, a timidez se fez mais presente. Muitos deles ficam rindo de forma envergonhada dos assuntos que surgiam ou fazendo piadas com os amigos próximos, desviando dos assuntos. Mas, mesmo assim, foram receptivos e gentis comigo.

Sobre as temáticas que mais surgiram ao longo das conversas, está a questão da virgindade; relatos de situações inesperadas no sexo: camisinha estourar, ficar presa ou ser mal colocada; a relação das famílias com o tema: alguns manifestaram que conversam com a mãe, irmãs mais velhas, tias e primas; forte relação com a internet para pesquisar sobre os temas sobre os quais se sentem curiosos.

Ao longo das conversas, também foi perguntado se eles utilizam o Instagram e a grande maioria respondeu que sim. Todos os que responderam que não, a minoria, eram meninos. Falei sobre a ideia de tratar desses assuntos pelo Instagram e as reações foram completamente positivas com relação a isso, ninguém se manifestou sobre ser uma ideia ruim.

7.8 Diário de bordo

Como foi exposto no capítulo acima, ao longo do trabalho, aconteceram três saídas a campo em busca de uma maior vivência e observação desse público em contextos mais naturais de suas rotinas. Sendo assim, abaixo seguem os diários de bordo de cada uma das saídas.

05/06/2019 - Saída 1 - Parada de ônibus da 606 Norte, próxima ao Centro Educacional da Asa Norte (CEAN)

A primeira saída aconteceu no horário de fim das aulas das turmas do matutino, por volta de meio-dia. À princípio, no começo, mais observei do que de fato interagi, apenas fiquei na parada percebendo um pouco mais sobre o modo como aquelas pessoas adolescentes se relacionavam e se tratavam. A parada de ônibus foi se enchendo, ela fica na quadra 606, na av. L2 Norte, em Brasília.

Sobre a conversa, eu já havia elaborado algumas perguntas a serem feitas, como: Onde você pesquisa sobre educação sexual? Você conversa sobre isso com seus amigos? Já teve algo sobre esse tema na escola? Tem alguma dúvida específica agora? Sobre qual assunto você gostaria de saber mais? E, com essas, o propósito era dar início e segmento às conversas.

Depois de um tempo observando, me aproximei de um grupo com três meninos e uma menina. Me aproximei, falei quem eu era e apresentei a temática. Fiz algumas perguntas. No começo, estavam bem tímidos para falar comigo, apenas um deles estava mais tranquilo e à vontade. Os três tinham 17 anos e estavam no primeiro ano do ensino médio. Como tempo, chegou uma outra amiga do grupo, de 16 anos. Quando ela foi chegando eles disseram “aqui, ó, essa aqui é especialista no assunto”, ela perguntou sobre o que estávamos falando e um deles disse “sobre sexo”.

Conversei com ela, que foi bem receptiva comigo. Disse que já tinha conversado sobre o assunto com uma professora que é mais gente boa e fala sobre qualquer coisa. Logo ela estava indo para outro grupo de amigas, dessa vez com três meninas, e me chamou para ir junto. Nessa hora foi quando eu mais passei tempo com um grupo específico, esse que só tinham meninas.

No grupo das meninas, a mais nova tinha 15 e a mais velha tinha 17 anos de idade. No começo eu senti que estavam um pouco insegura pra conversarem comigo, mas com o tempo já estavam desabafando e até pedindo dicas. Uma delas me disse que conversa com a mãe sobre sexo e essas coisas, outra disse que só diz: “mãe, vou na casa de fulano e vou dar”, e pede camisinha. A terceira delas parecia meio assustada com toda essa liberdade entre famílias, ficou mais calada. Perguntei como era com ela e ela disse que nunca tinha conversado com a mãe sobre nada envolvendo sexo, só com as amigas mesmo. Uma delas me contou que um dia estava transando e a camisinha ficou presa na sua vagina, e que não conseguiu tirar. Perguntou o que se deve fazer quando isso acontece. Nessa hora me veio de forma mais forte a reflexão do quanto trabalhar com esse tipo de informação é uma coisa séria, me fez pensar sobre os critérios mais utilizados por adolescentes para acreditar ou não em uma informação. Falei que já tinha acontecido com uma amiga e que ela tinha conseguido tirar, e que achava que era preciso procurar uma médica caso o preservativo não saísse.

Depois do grupo das meninas, conversei com mais outro grupo, com duas meninas e três meninos. Ao perguntar sobre onde eles buscavam informações sobre educação sexual, um garoto respondeu: “mãe serve como resposta?”, e disse que tinha esse tipo de diálogo com a mãe. Uma das meninas do grupo disse que hoje em dia é normal conversar sobre essas coisas, que às vezes tem até na feira de ciências, e que ela acha que tabu tabu mesmo é sexo entre duas meninas ou entre dois meninos, que isso realmente ninguém tem muita coragem de falar, contou ela.

Sobre essa primeira vivência de aproximação, é importante ressaltar alguns pontos percebidos: talvez fosse mais interessante começar a aproximação por algum assunto que não necessariamente seja a educação sexual. Inclusive, ‘educação sexual’ é um termo que os deixou um pouco confusos e tímidos, talvez citar exemplos de assuntos relacionados a educação sexual e reprodutiva seja mais efetivo. As meninas parecem possuir mais facilidade para desenvolver sobre o tema, não sei se é porque eu também sou mulher e isso passa alguma sensação de conforto, mas saí de lá com essa sensação.

10/06/2019 - Saída 2 - Parada de ônibus da 706 norte, próxima ao Centro Educacional GISNO

Na segunda saída, busquei lembrar bem das observações feitas a partir dos resultados da primeira, visando uma aproximação ainda mais tranquila e descontraída com as adolescentes. Esse segundo momento também ocorreu por volta das 12h, saída das turmas do matutino. Essa parada de ônibus fica na 706 norte, também na av. W3, em Brasília.

Dessa vez, resolvi me aproximar primeiramente de um grupo formado só por meninos, eram 5 deles. As idades variavam entre 15 e 17 anos, e todos eram estudantes do GISNO. Cheguei, cumprimentei e perguntei se a aula no GISNO acabava às 12h ou às 12h30, e essa foi uma forma de me aproximar sem já falar sobre educação sexual e reprodutiva. Eles responderam a pergunta e, a partir daí, comecei a puxar diversos assuntos. Primeiramente falei sobre a escola, perguntei se estudavam lá, se já havia muito tempo, se eram da mesma turma, onde moravam, se gostavam da escola e o que pretendiam da vida. A conversa foi legal, senti que foi uma forma realmente mais efetiva de acessá-los e que eu estava mesmo buscando saber quem eles eram, e não somente o que pensavam de forma objetiva sobre assuntos específicos.

Em algum momento do papo, perguntei se na escola já tinha tido alguma conversa sobre sexualidade, sexo e essas coisas. Um deles que respondeu que sim, na aula de Ciências, os outros disseram que não. Perguntei se eles tinham costume de conversar sobre essas coisas e um deles falou que costumavam trocar vídeos pornô entre si. Nessa hora, o peso da pornografia na vida dos adolescentes me caiu como uma bomba. Eu ainda não havia pensado sobre isso de forma específica, por algum motivo. Nesse momento, então, tivemos uma demorada conversa sobre

esse tema. Dois deles foram embora porque o ônibus passou, mas os outros três me disseram bastante sobre esse costume que eles têm, que é muito normal e “todo menino faz isso”.

Depois do grupo dos meninos, conversei com um grupo que parecia ser de meninas mais novas. Cheguei e perguntei qual era o ônibus delas, responderam que era o Luziânia, que costuma demorar um pouco mais. Usei a mesma estratégia tentada anteriormente, a de começar perguntando e falando sobre a escola. Eram quatro meninas, três delas tinham 14 anos e uma tinha 15. Assim como com os meninos, perguntei se na escola já tinham tido algum contato com temas tipo sexo ou sexualidade. Todas responderam que não e espontaneamente uma delas começou a dizer que achava importante que falassem sobre isso porque tem uma amiga mais velha, que é católica e acha que não pode usar camisinha nem anticoncepcional porque isso pode matar vidas, no sentido de ser abortivo, e com isso ela já está grávida do terceiro filho aos 22 anos. Conversamos pouco sobre o assunto, o ônibus delas passou e foram embora.

Nesse dia não fiquei tanto como no primeiro, mas também gastei mais tempo em uma só conversa, que foi o papo com os meninos. Sobre as observações notadas: a urgência de pensar essa cultura de consumo da pornografia entre adolescentes, a compreensão do tema enquanto pauta da educação sexual; a confirmação de que não abordar os adolescentes já tratando da temática de maneira explícita é mais efetivo para a prevalência da tranquilidade e da confiança.

17/06/2019 - Saída 3 - Parada de ônibus da 610 norte, em frente o Instituto Federal de Brasília (IFB)

A terceira saída também aconteceu pela manhã, no intervalo das aulas do ensino médio do Instituto Federal de Brasília (IFB), que acontecem em período integral. O IFB oferece o ensino médio junto de cursos técnicos - que chamam de Ensino Médio Integrado. No campus da Asa Norte, em Brasília, os cursos oferecido junto ao Ensino Médio são Técnico em Eventos e Técnico em Informática.

Nesse dia, a minha primeira aproximação foi a um grupo de meninos e meninas que estavam juntos, mas um pouco mais afastados da parada de ônibus, meio separados do grande movimento. Cheguei e me aproximei utilizando as mesmas estratégias que foram desenvolvidas acima, perguntando sobre a escola. Eles foram muito receptivos, os dois meninos e as três meninas. Todos tinham 16 anos e eram do ensino médio integrado com o curso técnico em eventos.

Assim que toquei no assunto de educação sexual pela primeira vez, que foi perguntando se haviam tido algum contato com o tema na escola, eles se empolgaram bastante. Logo um dos meninos disse: “é muito importante tratar desse assunto pra nós que somos LGBTs” e todas as amigas concordaram. Conversamos mais sobre isso e ele contou que é um garoto que se entende enquanto gay e que fica bem perdido com relação a isso às vezes, porque não sabe muito como procurar as coisas que tem curiosidade e só se sente à vontade para conversar com seu pequeno grupo de amizades, que também se entende enquanto LGBT. Ele contou também que, nesse sentido, tem amigas e amigos pela internet, que moram em outros estados do Brasil, com quem ele aborda o assunto de forma tranquila e confortável.

Com esse grupo, o tema da conversa se concentrou bastante no tema LGBT, eles tinham muito o que dizer. Me contaram bastante sobre suas vidas, sobre o que sentem e o que querem. Contei sobre a ideia do @tabomdetabu e todos amaram a ideia, disseram que amam o *Instagram* e até me indicaram alguns perfis que gostam, de ilustrações e frases. Conversamos bastante, eles até deixaram alguns ônibus passarem para continuarmos a conversa. Me senti bastante feliz e emocionada.

Nesse dia, o grupo acima foi o único com o qual eu conversei. Gastamos tanto tempo falando e ouvindo que não me direcione a outros grupos. Sobre a experiência dessa data, pensei sobre visibilidade e representatividade, suas importâncias e a urgência de ampliação desses temas. Pensei também sobre protagonismo de discurso, pois os adolescentes ficaram extremamente felizes e empolgados quando eu contei que sou uma mulher lésbica. A partir dessa informação, acredito que se sentiram ainda mais à vontade para interagirem comigo.

7.9 Apuração das pautas

A apuração das pautas escolhidas se deu em algumas etapas, a começar por uma pesquisa bibliográfica e de notícias relacionadas com cada temática. Esse primeiro momento aconteceu no sentido de ter uma noção maior sobre o que já existe produzido à respeito cada tema selecionado. Esta etapa aconteceu com todas as pautas produzidas, o que não foi da mesma forma com outros recursos específicos utilizados em cada produção especificamente.

O desenvolvimento dos modelos de pauta contaram com tema, sinopse, enfoque/encaminhamento e questões a serem levantadas. Foram desenvolvidos modelos de pauta para os nove posts selecionados para cumprir o objetivo exposto neste trabalho. Para as pautas definidas ainda como sugestão, não foram desenvolvidos modelos de pauta.

7.10 Pautas

Tema: Relato de gravidez na adolescência

Sinopse: Tratando-se do senso comum e do imaginário social prevalecente, a gravidez na adolescência é um conjunto de lamentações, pesares e tragédias. Contudo, a história não costuma ser contada por quem as vive de fato. Sendo assim, essa é a principal proposta desta pauta: abordar a gravidez na adolescência pela perspectiva de quem a viveu, como um relato e um espaço para histórias reais terem seus lugares e significados. Como foi quando você descobriu que estava grávida? Quem foi importante durante a gestação? Como foi o parto e o nascimento? Onde você buscou informações e apoio? - São algumas das perguntas que pretendo desenvolver ao longo das entrevistas para relatos.

Enfoque/Encaminhamento: Farei uma entrevista com mulheres que tenham engravidado na adolescência, buscando ouvir muito mais do que falar, buscando construir um relato de seus perfis, processos e trajetórias, compartilhando suas experiências e desmistificando os significados e conceitos prontos de gravidez na adolescência que são massivamente difundidos na grande mídia.

Questões a serem levantadas:

Como se sentem as adolescentes e as mulheres no processo de gerar e parir outra vida? Quem forma a rede de apoio dessas pessoas? Qual a qualidade da assistência de saúde que essas meninas e mulheres recebem por suas faixas etárias? Quem são essas pessoas para além de suas experiências ditas como precoce?

Tema: Primeira consulta ginecológica - #EuNaGinecologista

Sinopse: A medicina no geral se organiza de uma maneira bastante hierárquica, essa hierarquia coloca médicos e médicas no topo e as pacientes bem abaixo, em um lugar de não-questionamento e obediência - tudo isso costuma fazer dos consultórios médicos, lugares de receio, angústia e até temor para as pessoas que dependem desse serviço. Tratando-se da ginecologia, especi-

ficamente, o tabu em torno do assunto medicina é ainda maior pois também trata de vaginas. Sobre a primeira consulta ginecológica da vida existem diversas dúvidas e questões, que às vezes fazem as meninas se afastarem desse cuidado médico. Por isso a escolha da temática, para levar à tona questões sobre essa temática, que parece bastante misteriosa entre as adolescentes.

Enfoque/ encaminhamento: A produção de um manual que explique melhor sobre a primeira consulta ginecológica e instrua em algum nível as meninas que ainda viverão essa experiência. Consultar profissional da ginecologia.

Questões a serem levantadas: Quando se deve ir à ginecologista pela primeira vez? É permitido que uma adolescente vá sozinha a consulta ou é obrigatório que ela esteja acompanhada? O que é muito importante que ela conte na primeira consulta? O que uma menina pode fazer se sentir mal tratada ou violentada de alguma forma pela ginecologista?

Tema: A construção da masculinidade

Sinopse: Por muitas vezes, de forma repetitiva e não questionável, modelos de masculinidade são determinados aos meninos sem que eles mesmos tenham consciência das dimensões e consequências que tudo isso envolve. Padrões baseados no machismo e em uma noção de supremacia masculina colaboram na criação de garotos pressionados a iniciarem suas vidas sexuais de maneira precoce, a rejeitarem e reprimirem seus sentimentos e a tratarem as meninas de maneira violenta e cheia de menosprezos, como acontece nas referências pornográficas tão consumidas por esses meninos, por exemplo.

Enfoque/ encaminhamento: um texto simples levando o assunto à tona, tornando visível um tema que, na maioria das vezes, não é nem uma questão entre meninos e meninas.

Questões a serem levantadas: o que faz com que os meninos sejam meninos? Qual a noção de masculino existente entre os adolescentes? Existem caminhos para desconstruir os conceitos de masculino que já estão tão enraizados?

Tema: Consentimento

Sinopse: Muito se fala sobre assédio, respeito e consentimento, mas qual consentimento é esse que se fala? A temática aparece no sentido não só de alertar adolescentes para perigos que podem sofrer, mas também para capacitar adultas e adultos que, na criação de adolescentes, saibam bem o que significa consentimento para poder bem orientá-los. Nesse sentido, a intenção é ex-

plorar a definição de consentimento não somente enquanto permissão, mas também enquanto vontade, convite, aceitação e permissão.

Enfoque/ encaminhamento: a construção de um pequeno vídeo, a ser disponibilizado enquanto publicação no Instagram do *Tá Bom de Tabu*, levantando o tema por meio audiovisual, de maneira direta e simples. Consultar psicóloga especialista.

Questões a serem levantadas: Consentimento é somente não forçar? O que fazer em situações em que o consentimento parece dúbio? O que significa consentir?

Tema: O que é Tabu?

Sinopse: A palavra “tabu” está no nome do perfil *Tá Bom de Tabu*, contudo, conversando com algumas adolescentes, percebe-se que seu significado não é tão disseminado como o imaginado. Nesse sentido, a intenção é tentar explicar um pouco mais sobre o significado de Tabu, suas aplicações e exemplos de uso.

Enfoque/encaminhamento: Consultar adolescentes sobre o que entendem pelo conceito de tabu e construir uma postagem com as definições ditas por esses próprios.

Questões a serem levantadas: O que é tabu?

Tema: Menstruação e seus termos

Sinopse: A menstruação ainda é entendida enquanto um tabu em diversos grupos, inclusive entre adolescentes. A questão é que, por vezes, a falta de intimidade com o assunto vem do não conhecimento sobre este. Diversos tipos negativos de relações com o corpo e com os ciclos menstruais podem ser desenvolvidos por meninas que não tem uma melhor compreensão sobre seus próprios corpos e sobre suas menstruações. Além disso, entender verdadeiramente sobre os ciclos menstruais é um elemento de muita relevância, capaz de evitar gravidez indesejada e ajudar na compreensão da fertilidade. Nesse sentido, a intenção do desenvolvimento desta pauta é a informação, de maneira sucinta, sobre termos como tpm, período fértil, etc.

Enfoque/ encaminhamento: A construção de uma espécie de glossário menstrual, que conte com termos básicos e seus significados, de maneira direta e objetiva. Consultar uma profissional ginecológica.

Questões a serem levantadas: O que significa tpm, período fértil, ovulação, ciclo menstrual, menarca e óvulo?

Tema: Adolescentes LGBTs

Sinopse: A adolescência é um período de diversas descobertas sexuais, inclusive relacionadas a sexualidade e orientação sexual. Nesse sentido, é comum que algumas adolescentes que se descubram e se entendam enquanto LGBTs se sintam um pouco perdidas, desamparadas, confusas e não representadas. Por isso, essa pauta é importante como forma de acolhimento a essas pessoas, a suas demandas e curiosidades.

Enfoque/ encaminhamento: A construção e publicação de um vídeo com jovens adultos LGBTs falando para jovens adolescentes LGBTs. A intenção é que o vídeo seja curto e bem fofinho, oferecendo um certo tipo de apoio emocional mesmo.

Questões a serem levantadas: perguntar para os jovens adultos lgbs: como você se sentia na adolescência sendo uma pessoa lgbt? A quem você recorria nessa época? Quais curiosidades você tinha sobre educação sexual? Se pudesse dar um conselho a um adolescente lgbt, o que você diria?

Tema: Virgindade

Sinopse: O tema virgindade é um dos assuntos mais tabus e ao mesmo tempo mais falados pelas adolescentes. Geralmente, entre os meninos é imposto que se desenvolva uma espécie de corrida pra ver quem perde a virgindade primeiro e, entre as meninas, a imposição é relacionada a diversas preocupações e padronizações estéticas e de gênero para esse momento. Contudo, será que alguém sabe um pouco sobre as origens de todos esses estigmas em torno da palavra ‘virgindade’ e seus significados? Nesse caminho, acontece o desenvolvimento desta pauta - que buscará expor curiosidades sobre a tal da virgindade, suas origens e significados.

Enfoque/ encaminhamentos: A construção de um uma publicação que levante curiosidades sobre a virgindade ao longo da história e da sociedade.

Questões a serem levantadas: De onde veio esse nome? Seu significado foi sempre o mesmo? O que envolvia/ envolve ser uma pessoa virgem?

8. As publicações

O desenvolvimento das pautas acima resultou, inicialmente, em nove publicações para o perfil *Tá Bom de Tabu* (@tabomdetabu). A construção dos *posts* foi baseada nas pautas elaboradas, contudo, envolveu também outras questões.

Sobre a organização das informações e conteúdos, foram consideradas as intencionalidades estéticas do perfil, objetivando informações que estivessem dispostas de maneira simples, que sua mensagem fosse captada facilmente. A respeito da variação de uso dos recursos visuais e audiovisuais, se refletiu sobre a melhor possibilidade de organização do *feed* de publicações. O tamanho das legendas também foi um fator determinante para escolher quais seriam os registros imagéticos, pois algumas imagens contaram também com texto, mas não quando a legenda já era considerada grande.

No âmbito das postagens, quanto aos recursos disponibilizados pelo *Instagram*, foram utilizados os chamados: álbum de fotos, foto única e vídeo. A utilização do recurso IGTV, que proporciona a publicação de vídeos mais longos que 60 segundos, não foi considerada uma prioridade nesse primeiro teste do perfil, visto que ainda não foram produzidos materiais dessa dimensão. Contudo, para um futuro próximo do perfil, a possibilidade não é descartada, assim como todas as outras oferecidas pela plataforma.

Com exceção da identidade visual, toda a estruturação do perfil, incluindo publicações fixas, destaques e de *stories* foi construída e executada pela autora. Sobre a produção do perfil, de forma geral, é importante ressaltar que essa se deu de maneira mais orgânica e intuitiva do que a construção deste memorial. Afinal, existem diversas questões externas e temporais envolvendo uma dinâmica de alimentação de um perfil no *Instagram*, como a interação variável do público ou assuntos externos que influenciam o meio.

Considerações finais

Pessoa. Muito mais que pensar educação e informação, termos que foram bastante utilizados neste trabalho, pessoa é o que mais fundamenta e reconhece a relevância de olhar para as adolescentes com atenção e bons olhos. Ao entendê-los enquanto pessoa, individual e de valor, se entende toda a luta contra o histórico de não cuidado relacionado secularmente a infância e à adolescência.

Ter concretizado o projeto, acessando essas pessoas de maneira atenciosa e responsável, foi de extrema felicidade. O contato que esperava acontecer entre nós de maneira simples, me deu de presente a sabedoria de que acessá-las é mais complexo que o imaginado, justamente por serem pessoas, pessoas completas, serem complexas e serem muitas, com um potencial tão gigantesco que chega a intimidar. O sonho que guia a busca por novas possibilidades de comunicação com a adolescência se parece, para mim, nessa hora, completamente alcançável. Traz esperança e vontade de agir.

O percurso de desenvolvimento deste projeto foi repleto de novas descobertas, que fecharam alguns caminhos mas também abriram vários outros, até que ele nascesse assim como é agora. A começar por pensar o que, de fato, é adolescência, o acesso a diversos documentos da Organização Mundial da Saúde (OMS), do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e à Declaração Universal dos Direitos Humanos, da Organização das Nações Unidas (ONU) foi de suma importância para a minha compreensão dessa faixa etária de uma maneira global e diversa, podendo sentir um pouco melhor o peso que essa questão tem perante os olhos do mundo, por mais que os contextos sejam absurdamente variados. Com essa parte da pesquisa, a conclusão veio no sentido de que não é possível definir a adolescência de uma única maneira, com um único recorte de faixa etária. É preciso considerar questões culturais, territoriais, sociais, financeiras, físicas, psicológicas e emocionais nesse processo.

Ao trazer a temática para mais perto de mim e da realidade vivida no Brasil, me senti extremamente privilegiada por ter acesso a documentos, declarações e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), reconhecendo a sua extrema importância e vendo um pouco da magnitude que têm os projetos em saúde pública neste país. As políticas específicas de atenção aos adolescentes me pareceram belas comprovações de que o SUS, dentro de seus princípios básicos de ser um sistema de saúde universal, integral e igualitário, tem caminhado para que a equidade aconteça,

no sentido de tratar de maneiras desiguais as pessoas desiguais para que todas alcancem a igualdade.

Além disso, o contato mais próximo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, principalmente com seu artigo 4º, foi fundamental no processo de entender a adolescência enquanto responsabilidade comum e compartilhada de toda a sociedade brasileira, inclusive da mídia e da imprensa.

Diante da responsabilidade de zelar e contribuir com o cuidado e desenvolvimento das pessoas adolescentes, a construção deste trabalho me fez enxergar a educação sexual e reprodutiva na adolescência como uma temática indispensável para a garantia de proteção, saúde e bem-estar desses. O reconhecimento dos direitos sexuais e reprodutivos para a população adolescente enquanto um direito fundamental foi compromisso firmado e reconhecido mundialmente, dessa forma, é nítida a extrema importância de abordá-los no âmbito da Comunicação Social brasileira.

E por falar em Comunicação Social brasileira, direcionar a pesquisa, em sua maior parte, para a comunicação que acontece nos meios digitais foi uma oportunidade incrivelmente enriquecedora de refletir sobre a grandeza crescente do alcance jornalístico pela internet. Ler pesquisas como o *Global Digital Report* de 2018 e 2019 e também a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016 me fez, de fato, apostar no potencial existente entre as redes sociais, verificando um pouco das suas versatilidades e possibilidades de atuação, além de sua significativa presença na vida de adolescentes e jovens brasileiras. Mais que isso, refletir sobre as origens dos termos “rede social” e “mídia social”, a partir de pesquisas da sociologia e psicologia, principalmente por meio de Stanley Milgran, foi um processo que agregou significados conceituais e teóricos à pesquisa.

O anseio por uma utilização possível das mídias sociais enquanto instrumentos educativos foi um dos principais motivadores para o início desta pesquisa, foi o que brilhou meus olhos e me fez acreditar esperançosamente nessa possibilidade. Sendo assim, ter maior contato bibliográfico com conceitos e relatos de experiências reais envolvendo as mídias sociais em processos educativos foi extremamente importante e motivador nessa trajetória. A apresentação da mídia-educação em minha vida foi um divisor de águas no percurso da graduação, foi a faísca que não me deixou desistir da Comunicação Social enquanto projeto de vida. Sendo assim, abordá-la em meu trabalho de conclusão de curso foi uma honra, um tópico que baseia a intenção de interagir com adolescentes por meio da internet, tratando de educação, empoderamento e proteção desses.

Por fim, diante toda essa trajetória, conclui-se que a mídia de forma geral é uma das grandes responsáveis pela criação e manutenção de tabus relacionados a temas da educação sexual e reprodutiva na adolescência. Por outro lado, conclui-se também que as mídias sociais têm oferecido novas possibilidades de abordagens e produções jornalísticas quanto aos mesmos temas, tendo participação crescente de adolescentes e pessoas protagonistas nesse tipo de conteúdo.

Com a experiência deste projeto, inspirada na crença e luta pela garantia de direitos sociais, espero que os canais de diálogo entre a produção acadêmica e a comunidade externa nunca deixem de existir; que os caminhos para democratização das mídias sejam sempre visíveis e percorridos. Seguimos caminhando.

Referências

- ABRINQ. **Cenário da Infância e Adolescência no Brasil**. São Paulo: Eros Camel, 2019. Disponível em:
- ALTMANN, Helena. **A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 46, p. 287-310, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a12n46.pdf>
- ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **PNDS 2006: pesquisa nacional de demografia e saúde da criança e da mulher: relatório**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília : Ministério da Saúde, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **O SUS e a Saúde Sexual e Reprodutiva de Adolescentes e Jovens no Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- BEVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas**. Educ. Soc., Campinas , v. 30, n. 109, p. 1081-1102, Dec. 2009 .
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da indentidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAPORAL, Bibiana da Roza; CORTES, Márcia Della Flora; COSTA, Laís Braga; AMARAL, Marcel Jardim; SANTOS, Sabrina Hoffmann; DICETTI, Andrieli dos Santos; AMARAL, Kauana
7. Monteiro RLM, Monteiro DLM. **A mídia na informação sobre saúde sexual**. Adolesc Saude. 2005.
- CASTRO, P. A. **Rede complexa e criticalidade auto-organizada: modelos e aplicações**. 2007. Tese (Doutorado em Física) – Instituto de Física de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2007.

CITELLI, A. **A Linguagem entre a Comunicação e a Educação**. *Comunicação & Educação*, ano XI, n.1. São Paulo: CCA/ECA/USP: Paulinas, jan./abril, 2006, p. 7-11.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. 7a ed., 1a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

DIAS, Ana Cristina Garcia; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. **Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 20, n. 45, p. 123-131, Apr. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S0103-863X2010000100015&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Apr. 2019.

FERREIRA, Gonçalo Costa. **Redes Sociais de Informação: uma história e um estudo de caso**. *Perspect - ciênc. inf.*, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 208-231, Sept. 2011.

“**Global Digital Report 2019**”. WE ARE SOCIAL, HOOTSUITE, 2019. Disponível em: <<https://digitalreport.wearesocial.com/>>. Acesso em 27 jun. 2019.

GLOBO REPORTER. Editora-chefe: S. Sayão. Chefe de redação: C. Piasentini e M. Cunha. Chefe de produção: V. V. de Castro. Rio de Janeiro: Central Globo de Produções, 19 mar. 2004. Programa de televisão (60 min.), som., color.

LIM, Y.; CHUNG, Y.; WEAVER, P.A. **The Impact of Social Media on Destination Branding Consumer-Generated Videos Versus Destination Marketer-Generated Videos**. *Journal of Vacation Marketing*, v. 18, n. 3, p. 197-206, 2012.

MATTAR, Laura Davis; DINIZ, Carmen Simone Grilo. **Hierarquias reprodutivas: maternidade e desigualdades no exercício de direitos humanos pelas mulheres**. *Interface- Comunicação, Saúde, Educação*, v. 16, n. 40, 2012.

MILLER, T. **10 Questions: Chris Shipley**. Disponível em: <<http://blog.sfgate.com/tmiller/2010/09/20/10-questions-chris-shipley/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

Monteiro RLM, Monteiro DLM. **A mídia na informação sobre saúde sexual**. *Adolesc Saude*. 2005.

NETO, João Clemente de Souza. **História da Criança e do Adolescente no Brasil**. Revista uni-féo, revista semestral do Centro Universitário FIEO – ano 2, no 3 (2000).

“**Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**”. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial de Comunicação Social, 2016.

PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA. Sociedade Brasileira de Pediatria. Disponível em: <<https://www.sbp.com.br/especiais/prevencaonagravidez/>>. Acesso em 27. jun. 2019.

TABU. Dicionário online MICHAELIS, 2019. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/dNZnk/tabu-2/>>. Acesso em 27 jun. 2019.

TELLES, A. **A revolução das mídias sociais**. São Paulo: M.Books, 2010.

TRIZOTTI, Marli. **A Importância da Mídia como Fonte de Informação Sobre a Sexualidade na Adolescência**. Os desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor, PDE Artigos, Paraná, Volume I, p. 1-3, 2015.

UNESCO, 1984. **Éducation aux médias**. Paris, Unesco.

UNICEF. **Acelerar el progreso hacia la reducción del embarazo adolescente en América Latina y el Caribe**. Washington, D.C. 2016.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Entrevista com a ginecologista Karina Cidrin⁴

1. Você costuma atender adolescentes enquanto ginecologista?

Sim, atendo adolescentes tanto no privado quanto no SUS

2. Já percebeu alguma especificidade nas consultas com adolescentes? Geralmente elas vão buscando algo específico?

Sim. Tem várias especificidades. A forma de abordar tem que ser diferente, a linguagem. A forma de passar as orientações tem que ser feita de uma maneira a prender a atenção do adolescente e da forma mais clara possível, sempre dando a oportunidade deles fazerem perguntas ou expressarem o que estão sentindo. Divido as adolescentes em dois grandes grupos quanto ao atendimento: as que já tiveram relação sexual ou estão muito próximas de ter, e as que não tiveram. O primeiro grupo vem procurando métodos contraceptivos mas na verdade tem MUITAS dúvidas sobre sexualidade e prazer, orgasmo, relação sexual, etc. Geralmente, não é a primeira pergunta, principalmente se estiverem acompanhadas, mas durante a conversa fica super claro que aquelas dúvidas estavam ali esperando para sair. O segundo grupo vem mais a procura de orientações sobre cólicas, ciclo menstrual, corrimentos e higiene íntima. Mas independente de qual grupo for, procuro sempre dar orientações sexuais até porque nem toda adolescente fala sobre a sua sexualidade, por vergonha ou por estar com um ou ambos os pais.

3. Sobre virgindade, quais costumam ser as maiores dúvidas e os maiores receios?

Sobre virgindade, a maior dúvida é sempre o hímen, se vai romper, se vai sangrar, se vai doer. Se já tiveram relação, se ainda têm hímen, porque não sangraram, etc.

4. O que você sente que é o maior tabu com relação a educação sexual e reprodutiva na adolescência?

⁴ Karina Cidrin é ginecologista e obstetra, especializada em sexologia e climatério. Atua como médica assistente do ambulatório de climatério e sexualidade do Hospital da mulher. Idealizadora do Instagram @saudesexual

O maior tabu que eu encontro é a ideia de que falar sobre sexo com os filhos vai incentiva-los a fazer, quando o que acontece é exatamente o contrário. Pesquisas de inúmeros países chegam sempre a mesma conclusão: o jovem que tem mais informação é o que menos engravida, menos contrai doenças sexualmente transmissíveis e inicia a vida sexual mais tardiamente - tudo isso o leva a ter uma qualidade melhor na vida sexual. Principalmente na população evangélica, as adolescentes mulheres não recebem informações sobre sexualidade e vida sexual de forma clara, tudo é muito cheio de proibições e culpabilidade e isso tem um impacto muito negativo para toda a vida sexual dessa jovem.

5. Enquanto ginecologista, o que você considera importantíssimo para uma boa educação sexual e reprodutiva na adolescência?

Fundamental, para prevenir todas as complicações já citadas e acima de tudo para que essa mulher se torne uma mulher sexualmente saudável.

6. Quando as meninas devem ir a ginecologista pela primeira vez?

O ideal é que menina vá a ginecologista antes da primeira menstruação. toda consulta pré é muito importante para desfazer mitos e tornar o processo menos traumático: pré-menstrual, antes de ter a primeira relação, pré-concepcional e antes da menopausa.

7. Se quiserem, elas podem entrar sozinhas no consultório ou devem sempre estar acompanhadas?

Elas podem ir sozinhas. Não há uma exigência da presença dos pais. mas de uma forma geral o ideal é que abaixo dos 18 anos haja um adulto presente. alguns ginecologistas podem exigir a presença dos pais

8. O que é muito importante que a ginecologista saiba em uma consulta?

É importante que a adolescente saiba a data das suas menstruações, informações sobre cólicas e remédios que já tomou ou que não se deu bem, que informe sua orientação sexual, práticas que já realizou, isso tudo é muito importante. Mas, claro, que é uma via de mão dupla. A adolescente deve se sentir segura para expor tudo isso. Sempre perguntar as dúvidas que tiver, não perder a oportunidade

9. O que elas podem fazer se sentirem que não foram bem tratadas ou violentadas de alguma forma?

Se não forem bem tratadas, mudar de profissional seria o ideal. Violentadas, sempre conversar com alguém, expor o que aconteceu para que seja elucidada ou seja levada às autoridades

APÊNDICE B - Entrevista com a psicóloga Dheiny Silva ⁵

1. Sobre educação sexual na adolescência, por que você considera esse tema importante?

Acho de extrema importância. Por mais que a gente sempre fale sobre isso, sempre tente levar isso nas escolas e em diversos locais, é muito escassa a informação, é muito precária. E a internet tá aí pra eles acessarem e entenderem sobre tudo, mas é diferente, eles não têm o conhecimento que é importantíssimo para eles entenderem que o corpo é deles, o que é uma relação sexual, o que tá implícito na relação sexual, que vai muito além do sexo. Quais as consequências? Como se prevenir? Então, assim, falar de educação sexual, falar sobre sexualidade e ter essa educação sexual na adolescência é você prevenir diversas situações de abuso, assim como também descobrir situações de abuso. É você auxiliar o adolescente a ter conhecimento sobre o corpo dele, que é só dele, que ninguém pode relar, que ninguém pode tocar, e que tudo bem ele não querer ter relação sexual, que tudo bem ele querer e depois não querer mais - que é quando a gente começa a falar sobre o consentimento. Então, quando você tem essa prática nas escolas, instituições sociais, é muito comum você encontrar dúvidas que são gritantes e que poderiam ter feito a diferença. Eu nunca esqueço de uma professora que relatou um caso no qual ela foi dar uma aula sobre sexualidade e uma adolescente levantou e falou que se ela tivesse ido um mês atrás provavelmente ela não estaria grávida, que ela descobriu uma semana antes dessa orientação que ela teve em sala de aula. Então é muito sério e muito complicado, e eu acredito na importância também pela minha vivência. Eu trabalho muito com público em risco e vulnerabilidade

⁵ Dheiny é psicóloga clínica individual - adolescente e adulto, facilitadora de grupos e palestrante. Trabalha com educação sexual e reprodutiva na adolescência e outras vertentes de proteção à adolescência.

de social, trabalho em CRAS, CREAS, ONGs e a gente vê o quanto a informação é difícil de chegar até eles e, quando chega, o quanto ficam confusos. Então você ter uma aula sobre educação sexual ou uma fala sobre sexualidade abertamente, mostrando todas as questões que são importantes pra eles nessa fase, que é a fase que eles estão mais borbulhando de informações certas e erradas, de vontades e necessidades. Sanando isso a gente tem um desenvolvimento da sexualidade extremamente saudável, a gente tira dúvidas que muitas vezes eles têm vergonha de perguntar pros pais e às vezes não tem nem pra quem perguntar porque não têm uma boa referência em casa. Então, basicamente por tudo isso. São várias vertentes que deixam essa resposta mais completa. A educação sexual é de extrema importância, não só na adolescência como na infância também, que seria conseguir mostrar pra criança que o corpo é dela.

1. Nas atividades que você faz, quais costumam ser os temas mais trazidos pelas adolescentes?

Dentro do que e abordo, uma coisa que é muito gritante, eles trazem muito a questão do sexo sem preservativo. A maioria deles não tem relação sexual com camisinha, eles não utilizam. Assim como eles trazem a questão do sexo sem camisinha, eles também trazem a questão do coito interrompido. A maioria deles faz isso, fazem o coito interrompido e entendem isso como uma forma de proteção. Aí quando a gente mostra diversas dst e outras formas de se preservar, eles realmente ficam em choque porque é algo que até então eles poderiam ter pensado mas não pararam realmente pra pensar sobre isso e todas as consequências que tem. Quando eu abordo educação sexual, eu abordo em várias vertentes. Eu divido em partes porque fica mais fácil, então eu falo do consentimento, das relações em si e uma questão que eles também abordam bastante é o não entendimento de que quando eu falo não é não. Porque muitos namoram, tem alguns adolescentes que já estão casados e moram juntos, e quando a gente aborda a questão do consentimento no sentido deles entenderem que o corpo é deles, que a hora que eles falam não é não, às vezes você quis ter a relação sexual mas chegou na hora, você estava sem roupa e não quer mais transar, tudo bem não transar. Os meninos têm uma dificuldade muito grande em entender quando é abordada essa questão. Eu cito muitos exemplos, tipo: a menina está sob efeito de drogas ou álcool e acontece esse tipo de situação, de repente ela quer e não quer mais, e aí? “ah, mas ela quis” - eles colocam essa questão. Então é uma questão que eu levanto bastante com relação ao consentimento “agora eu quero, mas passaram cinco minutos e eu não quero mais, então eu não sou obrigada” e eles como uma condição do tipo ‘ah, se ela quer então a gente tem que fazer, independente dela ter falado não depois.

3. Sobre o consentimento nas relações entre adolescentes, qual você considera o maior desafio dentro da temática?

Sobre consentimento, o maior desafio é o que eu citei acima. Então é realmente auxiliar os adolescentes no entendimento de até onde é realmente consentimento, onde não é não, sim é sim,

talvez não é sim. Eles têm uma grande dificuldade de entender que o não é não, eles acham que nem sempre o não é válido, que existem algumas brechas. Eles dizem: “ah! às vezes ela está fazendo charminho”, e é justamente aí que começa a questão do abuso, então a maior dificuldade dentro do tema consentimento é conseguir esclarecer para eles ao máximo o que é o consentir e quando começa a ser abuso. É bem complicado, é um tema que demora muito tempo para entrar na cabeça deles. Então, o maior desafio dentro dessa temática seria fazer eles entenderem o que é o abuso e quando eles estão abusando do parceiro ou parceira.

APÊNDICE C - Entrevistas para relato de parto

*** Mica**

1. Quando você descobriu que estava grávida? Você estava de quanto tempo?

Eu já sabia que eu estava grávida mas eu estava em processo de negação, então minha barriga já estava começando a crescer e eu ficava fingindo que não tava grávida. Eu sentia dor conforme a barriga ia crescendo porque eu ficava tentando disfarçar, colocar a barriga pra dentro e o pé da barriga ficava doendo e eu falava que achava que tava com hérnia. Até que minha barriga ficou de um tamanho considerável e aí quando eu tava com quase cinco meses eu resolvi fazer um teste de farmácia e aí deu positivo - que já era bem óbvio, mas acho que esse foi o marco pra dizer quando eu descobri, mas talvez eu tenha descoberto muito antes. Eu lembro que sentia alguma coisa mexendo na minha barriga já com uns dois meses de gestação.

Quando eu fiz o teste de gravidez eu tinha 13 anos e estava no meu primeiro namoro. Eu tava no banheiro da casa do meu namorado com ele e a gente ficou feliz, tipo “nossa! Ai meu deus!”, eu tinha 13 e ele tinha 15 e foi isso. Anticoncepcional, camisinha, tudo isso eu conheci no colégio, minha família nunca foi de falar nada sobre sexualidade, a não ser a repressão católica, mas eu sabia porque no colégio a gente falava sobre. Eu usava camisinha com esse meu namorado, mas as vezes a gente não usava porque eu tinha aquele pensamento mágico de que ‘co-migo não vai acontecer’.

2. Como foi a gestação? E o parto?

Minha gestação nesses primeiros meses foi esquisita porque eu sabia que tava grávida e tava escondendo de mim mesma e, com isso, também das pessoas. Depois que minha família descobriu, aí foi um inferno porque minha mãe entrou numa crise profunda, meu pai - que já era uma pessoa agressiva, parou de olhar na minha cara. Minha mãe mandou eu ir pra casa da minha tia porque tava com medo do que meu pai poderia fazer comigo e aí eu fui pra casa da minha tia.

Não fui maltratada por ninguém que morava lá mas fui pela minha vó, que não morava lá mas sempre tava lá e é uma pessoa bem autoritária, ela gritava comigo e falava coisas bem pesadas pra mim. Tem algumas cenas assim mais marcantes de eu chorando, sozinha, embaixo do bloco, grávida, me sentindo a pior pessoa do universo. Foi bem difícil, bem difícil mesmo porque eu também tava na sexta série e eu ia pra escola mas era a aberração da escola. Eu estudava numa escola particular na asa sul, uma escola católica, então acho que nunca tinha acontecido essa experiência lá, de ter uma estudante muito muito jovem grávida, e ao mesmo tempo as pessoas me tratavam muito bem mas era como se eu tivesse deixado de pertencer àquele grupo ali. Como eu costumo dizer, eu fui chutada pra fora da adolescência, isso porque eu tava bem na transição da infância pra adolescência, então eu fiquei em um “não lugar”, que marcou minha vida. Acho que o lugar que eu ocupo até hoje é esse “não lugar”. Sobre o parto, eu comecei a sentir umas dores, minha mãe falou que era contração, ela ligou pra médica que tava me acompanhando e a gente foi pro hospital. Aí eu não tive muitas contrações não, não senti muitas dores mas quando eu comecei a sentir dor meio que já tava definido que eu ia fazer uma cesariana e eu fiz uma cesariana. Não acho que eu tenha sofrido violência obstétrica além da protocolar, que é aquele negócio - não deixar o neném em contato com a mãe imediatamente, então a minha filha nasceu, eu olhei pra ela e levaram ela embora. Daí passou um tempo, eu tava anestesiada e depois de um tempo é que ela veio pra mim, já veio de banho tomado e essas coisas todas. Talvez eu não precisasse ter feito uma cesariana mas acho que eu não teria conseguido um parto normal com aquele tanto de culpas e julgamentos, acho que eu não teria condições emocionais de passar por um parto natural.

3. Quem esteve com você nesse processo?

Acho que a pessoa que mais esteve comigo no processo foi a minha mãe, de um jeito meio esquisito mas era a pessoa que estava lá. Ela falava coisas do tipo “Essa filha vai ser minha”, sobre a minha filha. Então eu costumo dizer que minha maternidade foi sequestrada, mas era a pessoa que cuidava de mim. Fazia café da manhã porque eu estava grávida e tinha que me alimentar bem, tinha que tomar ferro, passar creme na barriga, comprou roupa de gestante pra mim e enfim, falou que eu tinha que fazer pré-natal e essas coisas. O pai da minha filha também esteve muito presente nessa época, ele era bastante abusivo mas estava lá, a gente ia junto nas consultas, ultrassom e tal, ele entrava comigo. A gente brigava muito mas a gente tava junto, ele vivia na minha casa, eu vivia na casa dele. A gente nunca falou em casar mas é isso.

4. Quais são seus sonhos na vida?

Meu sonho atual é conseguir lidar com a minha saúde mental, eu sou portadora do transtorno bipolar tipo 2 e passo muitos perrengues por causa disso. Hoje eu entendo que meu transtorno bipolar precipitou na gestação, porque eu tive delírios no pós-parto, passei por uma série de problemas no pós-parto. Mas, enfim, terminar a faculdade porque estou desde 2012 na UnB, vários

trancamentos, várias crises de pânico, então é terminar a faculdade, arrumar um emprego - não necessariamente nessa ordem, mas essas duas coisas são importantes pra mim, pra poder parar de depender financeiramente da minha mãe e provavelmente morar com a minha filha, sei lá, ter alguma outra vida que não seja tão matizada por um histórico de violências.

5. Como você se imagina daqui a 10 anos?

Daqui a 10 anos eu acho que só me imagino sendo melhor mesmo, morando numa casinha onde eu possa plantar umas coisinhas, ter uns bichinhos e ficar tranquila mesmo. Ter um dinheirinho de boa na conta e viver, não sei, não tenho grandes ambições não, só ficar de boa mesmo.

*** Aline**

1. Quando você descobriu que estava grávida? Você já estava de quanto tempo?

Eu já sabia desde sempre, mas tive a confirmação com oito semanas.

2. Quais foram os primeiros pensamentos nessa hora?

Quase morri. Tinha 18 anos e não tinha nem terminado o ensino médio, minha mãe descobriu e a primeira reação dela foi me expulsar de casa. Eu queria tirar de todo jeito, mas naquela época não tinha apoio nenhum, muito menos dinheiro. Mas lá no fundo, apesar do desespero, eu ainda achei que pudesse ser bom pra mim.

3. O que você sabia sobre camisinha, anticoncepcional e essas coisas?

Eu sabia dos métodos, total esclarecida, mas não usava com regularidade.

4. Como foi a gestação?

Eu tava trabalhando a gestação inteira, foi muito ruim. No início eu chorava todos os dias, tava morando com a minha mãe e ela era a única pessoa que eu tinha. Eu tava depressiva também. Mas, no final as coisas meio que tavam se materializando, eu passei no vestibular e as expectativas melhoraram um pouco.

5. Como foi o parto?

O parto foi o divisor de águas, foi cesárea por pura pressão. Eu tava quase com 42 semanas e todo mundo falava pra eu ir logo, foi difícil porque eu tava enorme e emotiva, aliás, o pré-natal foi péssimo e daí eu me aprofundi nas informações da internet. Foi tudo muito confuso no geral.

6. Quem esteve com você nesse processo?

A minha mãe sempre tava comigo, quando eu arrumei um emprego ela me aceitou de volta, foi muito importante o apoio dela antes e depois, e agora também. No pós-parto minha avó me ajudou também, ela quem cuidou de mim na verdade, com carinho e bruxaria.

7. Quais são seus sonhos?

Eu quero conhecer outras culturas e absorver a sabedoria delas. quero trabalhar com a mudança concreta no mundo, e compartilhar. quero que a sementinha que eu plantei possa ser ela mesma, e feliz. quero fazer isso todo dia até envelhecer numa casa na praia vivendo do que a natureza nos dá.

8. Como você se imagina daqui dez anos?

Espero que eu já esteja empregada na área e até lá formada. Que já tenha algum tipo de estabilidade financeira. Imagino eu a Luna e vários conflitos, mas é compreensivo.

APÊNDICE D - As publicações

Post 1 - TABU

O que significa Tabu? Fizemos essa pergunta para meninas e meninos entre 14 e 18 anos e, se você passar pro lado, vai ver algumas das respostas. TA - BU, já ouviu essa palavra antes? Por aqui ela existe no nosso nome, mas é só pra dizer que já #tabomdetabu, que já estamos #exaustiannes de tudo o que foi dito nas respostas aí em cima e que por aqui o papo é outro. O Tá Bom de Tabu surgiu de um projeto da Faculdade de Jornalismo, em Brasília. Veio de uma vontadezona de falar sobre educação sexual e reprodutiva na adolescência, só que de um jeito diferente, construindo essa história juntas e shallow now com quem realmente passa por ela. Por isso, sejam todas bem-vindas, bem-viadas, bem-lindas e tudo mais que desejarem! Este é um espaço seguro, de trocas e compartilhamentos, conversas e acolhimentos. Mas só pra acabar esse #textão, e também porque nós amamos muito as respostas que recebemos sobre o que significa #tabu, vamos fazer a pergunta de novo: O que significa Tabu? Comenta aqui! Mas dessa vez o desafio é dar essa resposta com SÓ UMA palavra! E aí, qual você escolhe?





Post 2 - #EuNaGinecologista

Você já foi à ginecologista? Geralmente, esse momento acontece pela primeira vez na adolescência. Algumas procuram a profissional por insistência da família, pra tirar dúvidas ou fazer exames. Mas dentre todos esses motivos, quase sempre existe a famigerada #ansiedade sobre o que de fato vai acontecer naquele consultório. Olha, de verdade mesmo, a gente nunca sabe o que vai acontecer, mas mesmo assim segue aí em cima o #EuNaGinecologista - um manual de sobrevivência para acalmar seus ânimos se essa hora ainda for chegar. E se essa hora já chegou, colabore com o manual e compartilhe mais uma dica com a gente aqui embaixo.

1.Quando ir?

O ideal é procurar uma ginecologista antes mesmo da menstruação, porque assim dá tempo de desfazer os mitos e tornar todos os próximos processos menos traumáticos.

2. Posso ir sozinha?

Qualquer adolescente possui **direito à privacidade**, independente da idade. Ou seja, se preferir, pode ser atendida sozinha e em um espaço privado.

3. O que eu preciso dizer?

É mais importante é que você fale a sua orientação sexual, quais práticas sexuais já e informações sobre a menstruação (se já tiver menstruado) - datas, cólicas, etc.

4. Hora de perguntar!

Mais que hora de falar, a primeira consulta ginecológica é um ótimo momento para **perguntar**. Você pode perguntar TUDO O QUE QUISER. Pode ser sobre sexo, virgindade, menstruação, camisinha, doenças ou o que for. Aproveite esse momento!

5. E se eu não for bem tratada?

Caso isso aconteça, nunca deixe de contar a alguém de confiança. Jamais fique calada! Conversando sobre o ocorrido, é possível encontrar caminhos para que não ocorra mais.

Ainda restaram dúvidas? Fala com a gente! Manda uma mensagem :)



1. QUANDO IR?

O IDEAL É PROCURAR UMA GINECOLOGISTA ANTES MESMO DA MENSTRUÇÃO, PORQUE ASSIM DÁ TEMPO DE DESFAZER OS MITOS E TORNAR AS PRÓXIMAS ETAPAS MENOS TRAUMÁTICAS

2. POSSO IR SOZINHA?

QUALQUER ADOLESCENTE POSSUI DIREITO A PRIVACIDADE, INDEPENDENTE DA IDADE. OU SEJA, PODE SER ATENDIDA SOZINHA E EM UM ESPAÇO PRESERVADO

3. O QUE PRECISO DIZER?

É IMPORTANTE QUE VOCÊ FALE A SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL, AS PRÁTICAS SEXUAIS QUE JÁ VIVEU E INFORMAES SOBRE A MENSTRUÇÃO - DATAS, CÓLICAS, ETC.

4. HORA DE PERGUNTAR!

MAIS QUE HORA DE FALAR, A PRIMEIRA CONSULTA GINECOLÓGICA É MOMENTO PARA PERGUNTAR. PODE PERGUNTAR TUDO O QUE QUISER SOBRE SEXO, VIRGINDADE, MENSTRUÇÃO, CAMISINHA, DOENÇAS OU O QUE FOR. APROVEITE!

5. E SE EU NÃO FOR BEM TRATADA?

CASO ISSO ACONTEÇA, CONTE A ALGUÉM DE CONFIANÇA. JAMAIS FIQUE CALADA! SOMENTE CONVERSANDO SOBRE O OCORRIDO, É POSSÍVEL ENCONTRAR CAMINHOS PARA QUE NÃO OCORRA NOVAMENTE

Post 3 - Ei, menino! O que te torna menino?

Existe uma coisa chamada masculinidade, já ouviu por aí né? Mas não é só de banheiro masculino ou “roupa de homem” que estamos falando. Às vezes, a masculinidade aparece em outros lugares e de uma forma bem autoritária. Sabe a competição pra ver quem beijou mais na vida? Masculinidade. E a obrigação de segurar o choro porque homem não chora? Masculinidade. Já participou da corrida pra ver quem perde a virgindade primeiro? Masculinidade. Tem também a obrigação de assistir vídeos pornô e comentar com os amigos, conhece? Pois é, tá aí de novo a masculinidade. Bom, não existe só um tipo de masculinidade, essa que estamos falando é um tipo bastante tóxico, cheio de machismo e cobranças pra cima dos meninos. Mas é possível que ela tenha outros significados e aconteça de outras formas, que não são tão prejudiciais e rígidas. Este texto é um pedido pra que você que está lendo, também fale desse assunto por aí. Partiu? Converse com seus amigos, pergunte pra eles o que eles já deixaram de fazer por serem meninos, o quanto já deixaram de sentir por terem a responsabilidade de serem sempre os “duros”. Ei, menino, o que te torna menino, hein? Tá valendo a pena? Comentem aqui embaixo exemplos de masculinidades tóxicas ou prejudiciais.



Créditos: Marina Molaes

Post 4 - Relato de Gravidez - Mica

Mica é uma pessoa de voz calma e dá risada boa de ouvir, diz que não tem grandes ambições e, ainda que seja muito complexo pensar um futuro, pra daqui dez anos gostaria apenas de estar tranquila, em uma casinha onde pode plantar e ficar de boa. Agora, com 28 anos, conta de forma serena sobre uma longa história que começou 15 anos atrás, com uma barriga que ia crescendo enquanto ela dizia para as pessoas que estava com hérnia, sentindo dores por tentar disfarçar a gravidez que escondeu até de si mesma por cinco meses. “Eu já sabia que estava grávida mas estava em processo de negação”, disse. Na época, Mica tinha 13 anos e o pai de sua filha tinha 15. Ela contou que, quando fez o teste de farmácia e soube do resultado, ficaram felizes. Falou também que, só por conta do colégio, sabia sobre camisinha e anticoncepcional, já que sua família nunca falou sobre sexualidade em casa. Mas, por acreditar que não aconteceria com ela, deixou de usar preservativo algumas vezes. Quando a notícia veio a tona, “aí virou um inferno”, disse ela. Uma mãe em crise profunda e um pai agindo de maneira agressiva foram suficientes para que tivesse que se mudar pra casa da tia. Uma barriga que não dava mais pra esconder e a sensação de ocupar um não lugar na escola católica em que estudou: “Como eu costumo dizer, eu fui chutada da adolescência”. Ao longo da gestação, disse que quem mais esteve ao seu lado,

ainda que de uma maneira esquisita, foi sua mãe. “Ela dizia coisas do tipo ‘essa filha vai ser minha’, se referindo a minha filha, mas me fazia café da manhã, comprava roupas de gestante, incentivava a passar creme na barriga e essas coisas”, disse Mica. “Eu costumo dizer que minha maternidade foi sequestrada”, ela falou. O tempo passou, uma cesariana aconteceu e nasceu (nome da sua filha), que hoje tem 14 anos. Quando perguntei sobre os seus sonhos, Mica respondeu que seu sonho atual é conseguir lidar com sua saúde mental, que, segundo ela, precipitou com o pós-parto - momento em que ela chegou a ter delírios. “Quero ficar tranquila, de boa e ter uma outra vida, que não seja tão matizada por um histórico de violências”.

*Os nomes foram alterados a pedido da protagonista dessa história



Créditos: Cristopher Delorenzo

Post 5 - um conselho pra você

Ei, você, já se sentiu confusa ou confuso hoje? Quer um conselho? Eu te dou. Um presente de jovens LGBTQ para jovens ainda mais jovens LGBTQ.

Com amor,

de um futuro próximo.

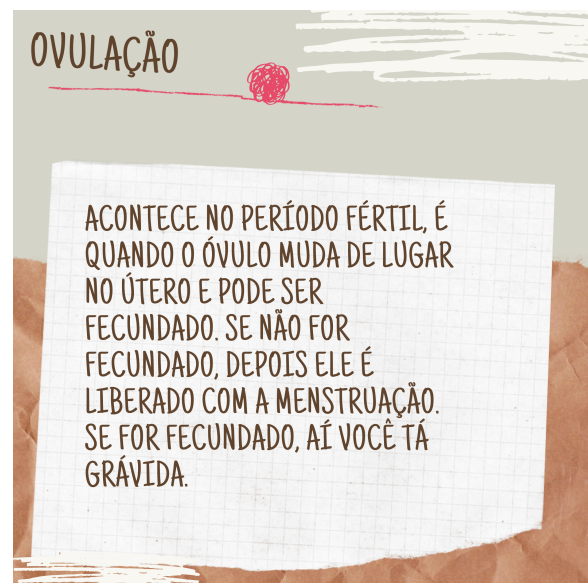
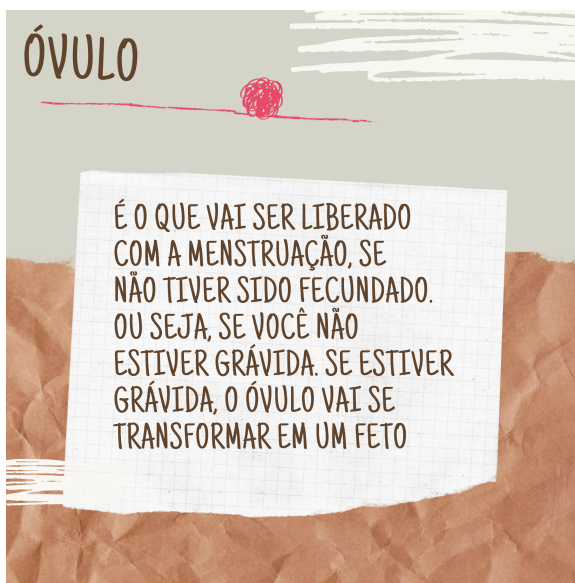
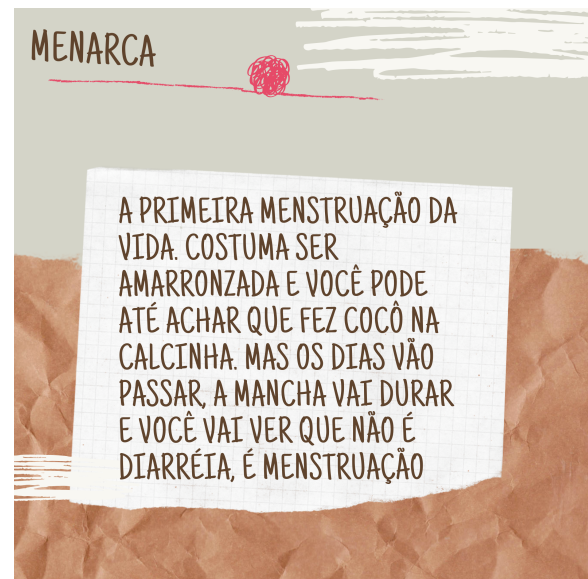
* Este post conta com um vídeo de jovens adultos lgbts dando conselhos a jovens adolescentes lgbts.

Post 6 - Menstruação - Glossário do ciclo menstrual

* O texto abaixo não aparecerá na parte da legenda, e sim na parte das fotos, de maneira diagramada.

- Menarca: a primeira menstruação da vida toda. Ela costuma ser amarronzada, você pode até achar que fez cocô na calcinha, mas provavelmente a mancha vai durar alguns dias e você vai entender que não é diarreia, é menstruação.
- óvulo: é o que vai ser liberado com a menstruação, se não tiver sido fecundado por um espermatozoide. Ou seja, se você não estiver grávida. Se você estiver grávida, o óvulo vai se dividir em vários até formar um bebê.
- Ciclo Menstrual: Começa no primeiro dia de menstruação e dura até o primeiro dia da próxima menstruação, do mês seguinte. Ou seja, não são só os famosos cinco dias de sangue, é também o intervalo entre um sangramento e outro, são as mudanças nos correntes vaginais, os hormônios que caem, levantam e te fazem querer gritar, as cólicas, algumas alterações de humor e tudo o que acontece conosco e vem lá do útero
- Período fértil: momento em que seu corpo todo está trabalhando para que VOCÊ POSSA ENGRAVIDAR, conta com o período de ovulação, alguns dias antes e alguns dias depois. Nessa época, o corrimento fica diferente, transparente e com textura e cor de clara de ovo

- Ovulação: acontece no período fértil, é o momento em que o óvulo muda de lugar no útero e fica disponível para ser fecundado. Se não for fecundado, depois ele é liberado com a menstruação. Se for fecundado, aí você tá grávida.
- TPM: Oficialmente significa “Tensão pré-menstrual”, mas aqui a gente chama de “Tempo para meditar”. Momento em que alguns dos seus hormônios estarão em QUEDA, e com isso podem surgir desconfortos como: inchaço nas mamas, dor de cabeça, enjoo, vontade enorme de comer, desejo de esmagar algumas pessoas ou sair correndo e gritando pelas ruas. Lembrando: Tempo Para Meditar.



CICLO MENSTRUAL

COMEÇA NO 1º DIA DE MENSTRUÇÃO E DURA ATÉ O 1º DIA DA MENSTRUÇÃO DO MÊS SEGUINTE. NÃO SÃO SÓ OS DIAS DE SANGUE, É TAMBÉM O INTERVALO ENTRE OS SANGRAMENTOS, SÃO MUDANÇAS NOS CORRIMENTOS VAGINAIS E TUDO O QUE ACONTECE CONOSCO E VEM LÁ DO ÚTERO

TPM

SIGNIFICA "TENSÃO PRÉ-MENSTRUAL", MAS A GENTE PREFERE "TEMPO PARA MEDITAR". ALGUNS HORMÔNIOS ESTARÃO EM QUEDA E PODEM SURTIR DESCONFORTOS COMO: INCHAÇO, DOR DE CABEÇA, ENJOJO OU DESEJO DE SAIR GRITANDO PELAS RUAS. LEMBRANDO: TEMPO PARA MEDITAR

PERÍODO FÉRTIL

MOMENTO EM QUE SEU CORPO ESTÁ TRABALHANDO PARA QUE VOCÊ POSSA ENGRAVIDAR. É O PERÍODO DE OVULAÇÃO, ALGUNS DIAS ANTES E UNS DIAS DEPOIS. O CORRIMENTO FICA DIFERENTE, TRANSPARENTE E COM TEXTURA DE CLARA DE OVO

Post 6 - Consentimento - E aí?

C-O-N-S-E-N-T-I-M-E-N-T-O, do dicionário: autorização, licença, permissão.

Da vida: Posso dizer que sim e mudar de ideia depois. Posso dizer que não e você precisa respeitar logo na primeira vez que eu disser. Você só sabe que eu quero quando eu disser e confirmar que quero mesmo. O meu 'não' não significa charme. Respeita!

*Conta com conteúdo visual complementar



Post 7 - Relato de Gravidez Aline

“Foi intenso esse resgate”, disse Aline quando terminamos de conversar. Aline é uma pessoa que fecha os olhos quando sorri e fala com um sorriso no rosto, tem um jeito fofo de contar sua história e seus desejos pra esse mundão. Quando perguntei sobre seus sonhos, ela falou em trabalhar com a mudança concreta no mundo, absorver sabedorias e compartilhá-las. “Quero que a sementinha que eu plantei possa ser ela mesma, que seja feliz”, disse sobre sua filha, Luna, que hoje tem 4 anos de idade. Aline engravidou aos 18 anos, quando ainda estava no ensino médio. “Minha mãe descobriu e a primeira reação foi me expulsar de casa”, contou. Ela relatou que ficou desesperada quando soube que esperava por uma filha. “Eu queria tirar de todo jeito, mas naquela época não tinha nenhum apoio e nenhum dinheiro”, disse. “Mas lá no fundo, apesar do sufoco, ainda achei que pudesse ser bom pra mim”. Sobre camisinha e outros métodos contraceptivos, ela falou que os conhecia e era totalmente esclarecida sobre esse assunto, mas não usava com regularidade. Durante toda a gestação, precisou trabalhar e lembra desse período como uma época bem ruim. “Eu chorava todos os dias, morava com minha mãe e ela era a única pes-

soa que eu tinha”, contou. Com o tempo, mais pro final da gestação, disse que as expectativas melhoraram, principalmente quando ela foi aprovada no vestibular. O final da gravidez também não foi nada bom, Aline ficou grávida até quase 42 semanas e disse que todo mundo lhe pressionava para ir logo ao hospital. Ela conta que essa fase foi bem difícil principalmente porque ela estava enorme e muito emotiva, assim como em todo pré-natal, “foi tudo muito confuso no geral”, disse. Sobre apoio, quem sempre esteve com ela foi sua mãe, e no pós-parto foi cuidada pela avó, “com muito carinho e bruxaria”. Hoje, Aline não é mais uma mãe no ensino médio, mas é uma mãe universitária, que vez ou outra precisa levar sua filha junto na faculdade. A maternidade se tornou luta, ocupar os espaços com a Luna e sem a Luna se tornou resistência, e sobre isso, sobre os sonhos e os projetos de vida, Aline diz: “Quero fazer isso todo dia até envelhecer numa casa na praia vivendo do que a natureza nos dá”

Post 9 - Virgindade - quem é essa?

O signo de virgem, o CD virgem e as virgens santas. Nos três usos, a palavra ‘virgem’ não tem o mesmo significado. E a tal da virgindade então, quem é essa? Hoje começamos a série #VIRJONA, que vai revelar curiosidades topíssimas sobre essa tal da virgindade. A primeira delas é essa aí de cima. Quem é que esperava por esse significado? Por aqui somos só orgulho dessa #virjona, viu? Mal conheço e já considero pacas.

*O post conta com conteúdo visual complementar

* Na imagem: Virgem, do latim: força, habilidade